ANGOLA 3

Dever de memória

FOTOGRAFIA

CHRISTINE
J. C. PINHEIRA
GUY LEROY

CIDADES

ANGOLA 3
CIDADES

NO INTERESSE DO LEITOR

Se a algum leitor interessar uma imagem ou um livro completo, terei o prazer de enviar num CD o que me for solicitado, por correio, sem a cobrança de direitos autorais. Por estas imagens estarem registadas no © qualquer publicação em suporte papel ou na internet com intuitos comerciais, está sujeita ao pagamento dos respectivos DIREITOS AUTORAIS.

ANGOLA 3
CIDADES

TEXTO

M. RAQUELE S. SERRANO
ROBERTO S. CORREIA

FOTOGRAFIA

CHRISTINE
J. C. PINHEIRA
GUY LEROY

COLABORADORES:

ANTUNES, HENRIQUE LARGO
ANTUNES, LOURDES
CENTENO, JÚLIO
CENTENO, MANUELA
FERNANDES, ILDA
TEIXEIRA, CIDÁLIA

APOIO INFORMÁTICO E TÉCNICO

ABREU, ANDRÉ
ANTUNES, JORGE
CORREIA, ANA CRISTINA S.
CORREIA, PAULA MARINA S.
CORREIA, A. PEDRO S.

EDITORA
PALANCANEGRA

Indice

4 **No Interesse do leitor**

8 **Luanda**

206 **Nova Oeiras**

208 **Massangano**

214 **Forte aa Quibala**

216 **Lobito**

288 **Benguela**

300 **Malange**

308 **Carmona**

312 **Henrique de Carvalho**

318 **Cabinda**

346 **Igreja S. Salvador**

348 **Dundo**

364 **Luso**

374 **Silva Porto**

386 **Nova Lisboa**

416 **Alto Hama**

418 **Novo Redondo**

420 **Sá da Bandeira**

462 **Pereira D'eça**

464 **Serpa Pinto**

471 **Moçâmedes**

492 **Cabo Negro**

494 **Porto Alexandre**

502 **Baía dos Tigres**

503 **Foz do Cunene**

O Brasão de Angola

LUANDA

Paulo Dias de Novais, neto de Bartolomeu Dias, que em 1571, por carta régia de D. Sebastião, rei de Portugal, fora nomeado primeiro governador do Reino de Angola chegara a Muazanga, ilha de Luanda ou "Ilha das Cabras", em 11 de Fevereiro de 1575 e aí fundeou.

Já ali residiam 40 portugueses que tinham vindo refugiados do Congo e 300 negros gentios "muxiluandas".

A Ilha de Luanda era feudo do rei do Congo. Nela existia o zimbo "njimbo", pequenos búzios que serviam de moeda. Novais e seus companheiros, cerca de 700, sendo 350 "homens de armas", desembarcaram, formaram uma procissão com um sacerdote que levava algumas relíquias dirigindo-se para o local onde iriam construir uma igreja. Ali assistiram a uma missa e, no fim desta, tomaram posse do país em nome de "el-rei" de Portugal. Em 25 de Janeiro de 1576, Paulo Dias e a sua comitiva resolveram instalar-se no Continente num morro em frente à ilha onde construíram um forte em taipa, depois uma igreja em nome de S. Sebastião, um Hospital e uma Misericórdia. Junto ao Oceano Atlântico e numa baía protegida por uma restinga que vai desde a foz do rio Quanza à Ponta da Ilha das Cabras, a povoação foi crescendo, o comércio aumentado e em 1605 no governo de Cerveira Pereira foi elevada a cidade que era a mais antiga ao Sul do Equador.

Em 1641 os holandeses invadiram e tomaram Luanda, o que fez o governador Pedro Cézar de Menezes, o Bispo e a maioria da população, retirarem da cidade e instalaram-se em Massangano.

A armada que veio libertar Luanda, comandada por Salvador Correia de Sá e Benevides, Governador do Rio De Janeiro e da Capitanias do Sul, era composta por 15 navios com 900 combatentes vindos do Brasil que vencem e expulsaram os holandeses em 15-8-1648.

Estivéramos a ser governados pelos reis de Espanha durante 60 anos e a nossa armada, "Armada Invencível", havia sido desbaratada.

Salvador Correia, chama à cidade S. Paulo da Assunpção, retirando-lhe o seu antigo nome. Também a Fortaleza, que até ali se denominava de "Forte do Morro" adquiriu o nome de "S. Miguel".

Pela ocupação holandesa a cidade fora muito maltratada mas, com o retorno da população e construção de muitas habitações, igrejas e monumentos, teve grande desenvolvimento.

Os seus primeiros habitantes faziam parte de uma população nómada que vivia do comércio de escravos, também degredados e alguns funcionários da coroa.

Luanda é formada pela Cidade Baixa onde se instalou a maioria do comércio, os armazéns e as habitações cercadas por grandes quintais, a Cidade Alta onde existem: o Palácio do Governo Geral, o Paço Episcopal, os quartéis, os tribunais militares, o hospital, algumas das suas mais antigas igrejas e ainda os "musseques" muito povoados.

Em frente à cidade fica a Ilha e mesmo na base do Morro de S. Miguel construiu-se uma ponte, primeiro em madeira e mais tarde de construção definitiva, estabelecendo-se assim a ligação entre as duas. Esta foi habitada desde tempos ancestrais por pescadores negros. Na Ponta da Ilha ergue-se a Igreja de "Nossa Senhora do Cabo", construída no século XVII (no local onde desembarcara Paulo Dias) e reconstruída em 1870.

Foi nos meados do século 20 que o desenvolvimento da cidade tomou grande incremento com a abertura de largas avenidas, construção de majestosos edifícios, novos bairros, ampla rede viária e melhoria das ferroviárias, porto de mar bem apetrechado e moderno aeroporto com carreiras aéreas internas, para o território português e para o estrangeiro.

Nela se situam monumentos antigos, museus, bibliotecas, escolas primárias, colégios, três liceus, escolas Comercial e Industrial e estudos gerais universitários. Tornou-se um grande centro comercial e industrial.

É em Luanda que se encontram estabelecidas as sedes dos principais bancos: Banco de Angola, Banco Comercial, e Banco Pinto e Sotto Mayor.

Igualmente muitos organismos da Administração da Província se encontram ali sediados. O comércio desenvolveu-se existindo estabelecimentos de grande nomeada. A par das vendas em mercados com edifícios próprios existem as quitandas, as feiras e os mercados ao ar livre. Este comércio, muito dele feito nos musseques, tem bastante importância para as populações. Possui alguns bons hotéis, pensões, restaurantes, bares e esplanadas, assim como cinemas, teatros, boites e dancings. É dotada de belas praias de que os seus habitantes usufruem. Desportivamente, a caça, a pesca, os desportos náuticos, o futebol, o óquei em patins, as provas de velocidade de automóveis, são muito apreciadas.

O Carnaval é uma manifestação cultural que a anima e torna festiva nesses três dias.

001 - Vista parcial da cidade com os seus enormes edifícios.

002 - O pôr-do-sol...o mar e a Ilha de Luanda.

001

003

003 - Aspecto feérico da Av. Paulo Dias de Novais iluminada e reflectida na Baía.

004 - Visto da Ilha, em tons dourados, um trecho da cidade sob a magia do pôr-do-sol.

004

005 - Ao Poente uma belíssima perspectiva da Ponta da Ilha,
vendo-se o mar e a Fortaleza sob um céu com diversas tonalidades.

006-007 - Uma perspectiva da cidade obtida da esplanada da Fortaleza.

008 - Outra vista da cidade e do Porto Maritimo.

009-010 - Foto tirada na Fortaleza vendo-se um pequeno trecho da cidade e da Avenida Marginal.

011 - Foto feita a partir da esplanada da Fortaleza vendo-se a cidade.

012 - A Av. Marginal, o Porto e o azul das águas da baía.

012

013 - A Fortaleza seiscentista de S. Miguel, com a sua configuração irregular.

014 - Um lindo edifício da Capital.

015 - Monumento aos Combatentes da Grande Guerra (1914/1918).

016 - Estátua do ardina.

017 - Estátua de Vasco da Gama.

018

018 - Pormenor da estátua da conquista de Angola, apresenta as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de S. Paulo.

019 - Um trecho da Av. Marginal e ao fundo o porto marítimo, situado na Ponta da Mãe Isabel.

020 - Estátua do fundador da cidade dominando a baía.

020

021 - Parte da Av. Paulo Dias de Novais, finalizando com o Hotel Presidente.

022 - Nesta foto sobressai o velho casario da Cidade Baixa, à esquerda a Fortaleza de S. Miguel, a baía e ao fundo a Ilha.

023 - Uma fracção da Cidade Baixa e da baía com suas calmas águas.

024 - Aspecto de uma artéria da baixa da cidade.

026 - Bonita imagem do edificio oitocentista da Câmara Municipal e do jardim.

026 - Vista do jardim da Câmara e de alguns prédios modernos.

027 - Em primeiro plano o edifício do Museu de Angola.

028 - O Largo de Camões.

029 - Parte central da fachada do Hospital D. Maria Pia.

030-031 - O Palácio do Governo na cidade alta.

032

032-033 - Av. Paulo Dias de Novais.

033

034 - O famoso Palácio Residencial D. Ana Joaquina de três pisos.

035 - Na Praça do Palácio do Governo situam-se a Igreja de Jesus e o Paço Episcopal.

036 - O Largo da Mutamba com modernos imóveis da Baixa
e a Estação Central dos autocarros.

037 - O Banco Pinto & Sotto Mayor.

038 - Uma vista da cidade, a partir do terraço do Hotel Trópico.

039 - Paragem de autocarros em frente do Palácio Residencial D. Ana Joaquina

040 - Paragem de autocarros em frente

040

do Palácio Residencial D. Ana Joaquina.

041 - Em Angola também existiam trabalhos modestos para os brancos.

042 - Na rua que desce para a Mutamba situa-se o famoso bar "A FLORESTA" enquanto sentada uma quitandeira vende as suas mercadorias.

043-044 - Fotos de uma amiga feitas na Marginal.

045 - Vendedor de artesanato na Ilha.

046 - Atelier de artesanato na Ilha.

047 - Vendedores de artesanato na cidade Baixa.

048 a 050 - Na Ilha fabricando peças de artesanato.

051-052 - Vendedores de artesanato nos passeios da Cidade Baixa.

051

052

053 - Na Ilha de Luanda casas de pescadores.

053

054 - Igreja de Nª Sª do Cabo, edificada na Ilha em 1726.

055 - O antigo porto pesqueiro e o Banco de Angola.

056 - O menino e a gaivota.

057 - Desportos náuticos na Baía de Luanda.

058 - O Hotel Presidente, a Alfândega e o Porto de Luanda.

058

059

059 a 061 - Na ponta da Ilha o restaurante "Barracuda" e a sua praia.

060

061

062

063

062-063 - Pesca desportiva. Dois enormes espadartes exibidos pelos pescadores depois da competição.

064 - Parque de campismo na Ilha do Mussulo onde muitos luandenses vão passar seus fins-de-semana.

065

065 a 068 - Vários desportos náuticos entre o coqueiral e as águas límpidas da Ilha do Mussulo.

066

067

068

069 a 071 - Quitandeiras do Mussulo exibem colares artesanais confeccionados com sementes de árvores.

072-073 - Apreciando uma cerveja bem geladinha pois o calor aperta.

074 a 077 - Lazer e prazer ao gozar a praia.

076

077

078 - Antigo Porto Pesqueiro de Luanda.

079 - Jean Charles e os seus amigos apreciando boa fruta sem pesticidas.

080 - Crianças brincando na praia.

081 - Pescadores do fim de semana.

082 - Arcadas do Banco de Angola na Av. Marginal.

083 - Ao entardecer o recolher dos barcos.

084 - Aspectos de algumas das famosas esplanadas da cidade.

085 - Ao poente, enquanto o céu se tinge de vários tons,
a cidade vista da esplanada da Fortaleza.

085

TOCAR A RECOLHER...

087 - O tocar a recolher.

087

087 - Movimento na cidade baixa.

088

089

088-089 - Anfiteatro e ecrã do Cinema Miramar sob a influência do pôr-do-sol.

090 - Uma outra esplanada da Marginal.

091 - Linda vista de Luanda nocturna.

092

092 a 095 - Algumas ruas centrais com letreiros e montras iluminadas.

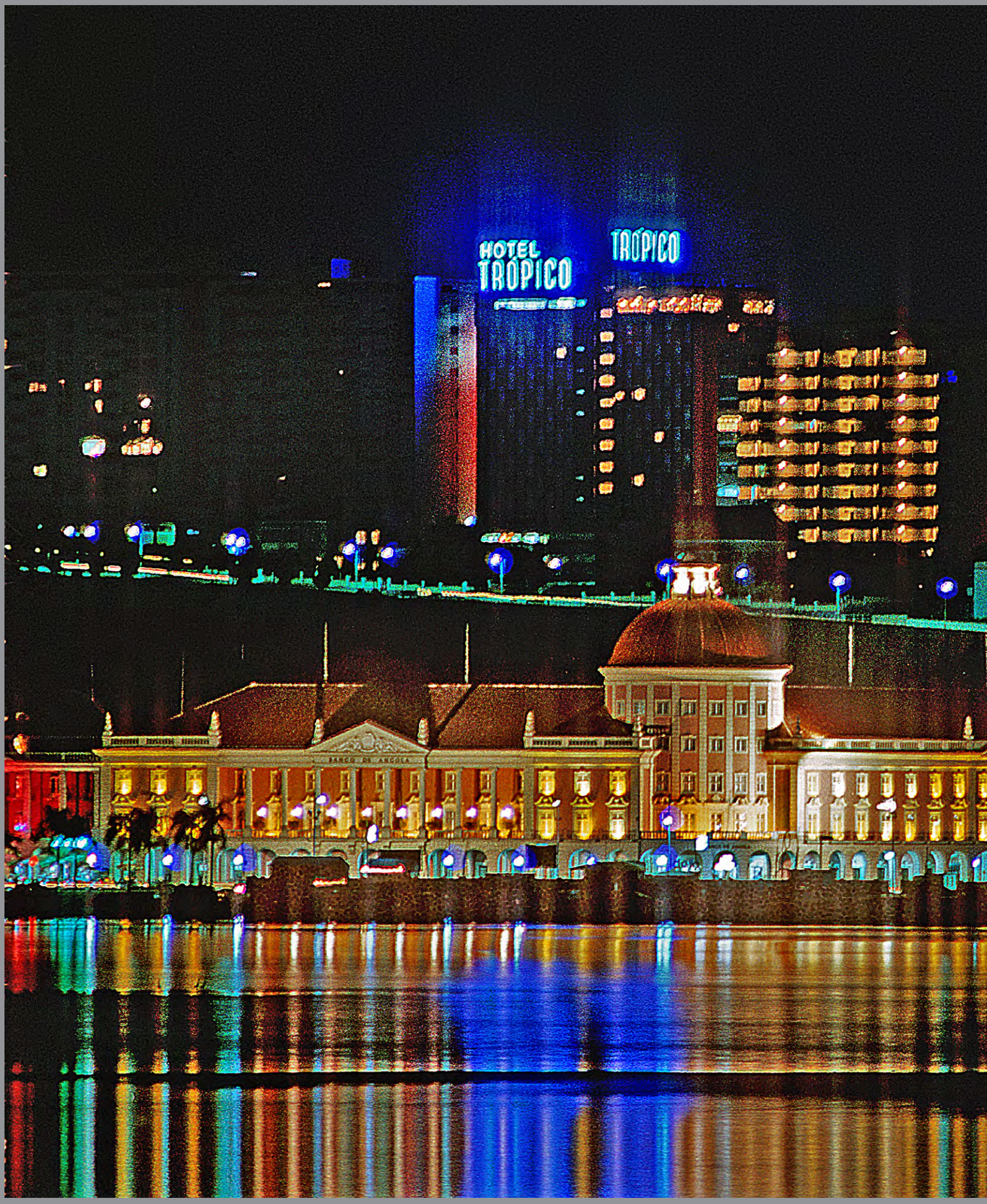
093

Saratoga
Tasanov
NO CINEMA
FLAMINCO

094

HOTEL TRÓPICO
CONCORDE
MAGENS
TWINSTAU

095


HOTEL
TROPICO
TROPICO
BANCO DE ANGOLA

096 - Aspecto feérico da Av. Paulo Dias de Novais e do Banco de Angola à noite.

097

097 a 105 - Fotos da Fortaleza de S. Pedro da Barra mandada edificar por D. Pedro II, na primeira metade do século XVII a norte de Luanda.

098

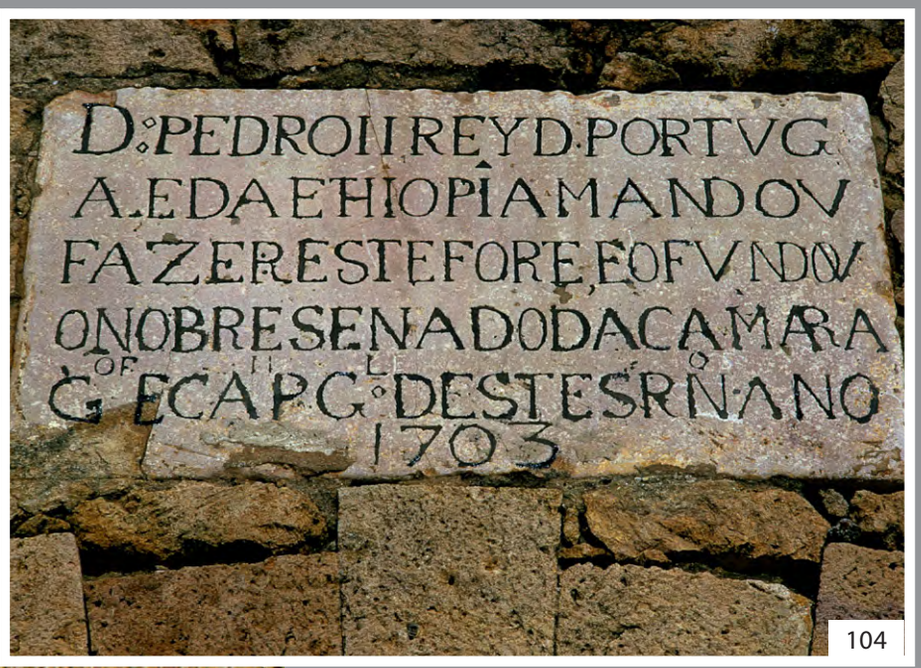
099

100

101

102

103


D:PEDRO II REY D:PORTVG
AL EDA ETHIOPIA MANDOV
FAZER ESTE FORE, E OFVNDOV
O NOBRE SENADO DA CAMARA
DE G ECAP G: DESTES RNOS
1703

104

105

106 - O Largo dos Lusíadas, o monumento aos combatentes da Grande Guerra, o Mercado de Quinaxixe e o prédio azul da Cuca.

107 - Estátuas de ?.

108 - Estátua de Salvador Correia de Sá.

109 - Vista parcial da cidade, destacando-se o soberbo Colégio de S. José de Cluny.

110 - O edifício da Alfândega encobre em parte o Porto Marítimo.

111 -112 - O antigo Palácio de Ferro.

112

113 - Estátua de Luís de Camões.

114 - Estátua de Paulo Dias de Novais.
Ao fundo a Igreja de N.ª S.ª do Cabo.

115 - Estátua de Diogo Cão no centro do jardim com o mesmo nome.

116 - Monumento à conquista de Angola.

117 - Largo passeio da Av. Marginal com altivas palmeiras.

118 - Interior da Igreja de Jesus.

119 - Missão de Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Rangel.

120 - Interior da Igreja da Sagrada Família.

121 - Interior da Igreja do Carmo.

122-123 - Igreja da Sagrada Família.

124 - Igreja ?.

125

125 - Grupo de mulheres, com os seus trajes tipicos, à saida da missa.

126 - O palio com altas dignidades eclesiásticas que levam o Santissimo Sacramento.

127 - Procissão com as mulheres de Luanda (mãe preta).

128

128-129 - A procissão que além de muitos populares integra Forças Armadas e Marinha.

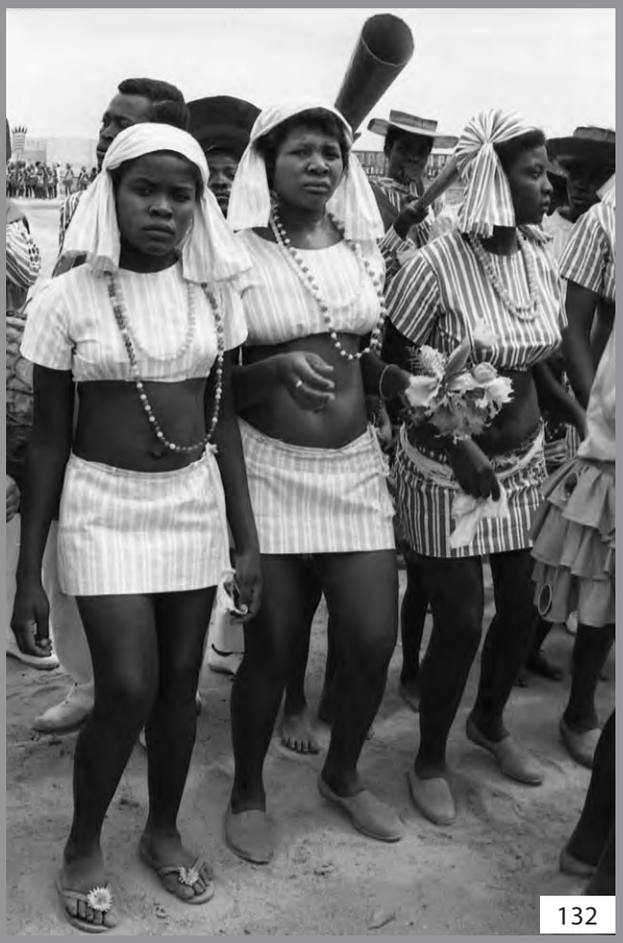
129

CARNAVAL DE LUANDA 1971

130

130 a 149 - Grupos, a preto e branco, do Carnaval de Luanda de 1971.

131



132

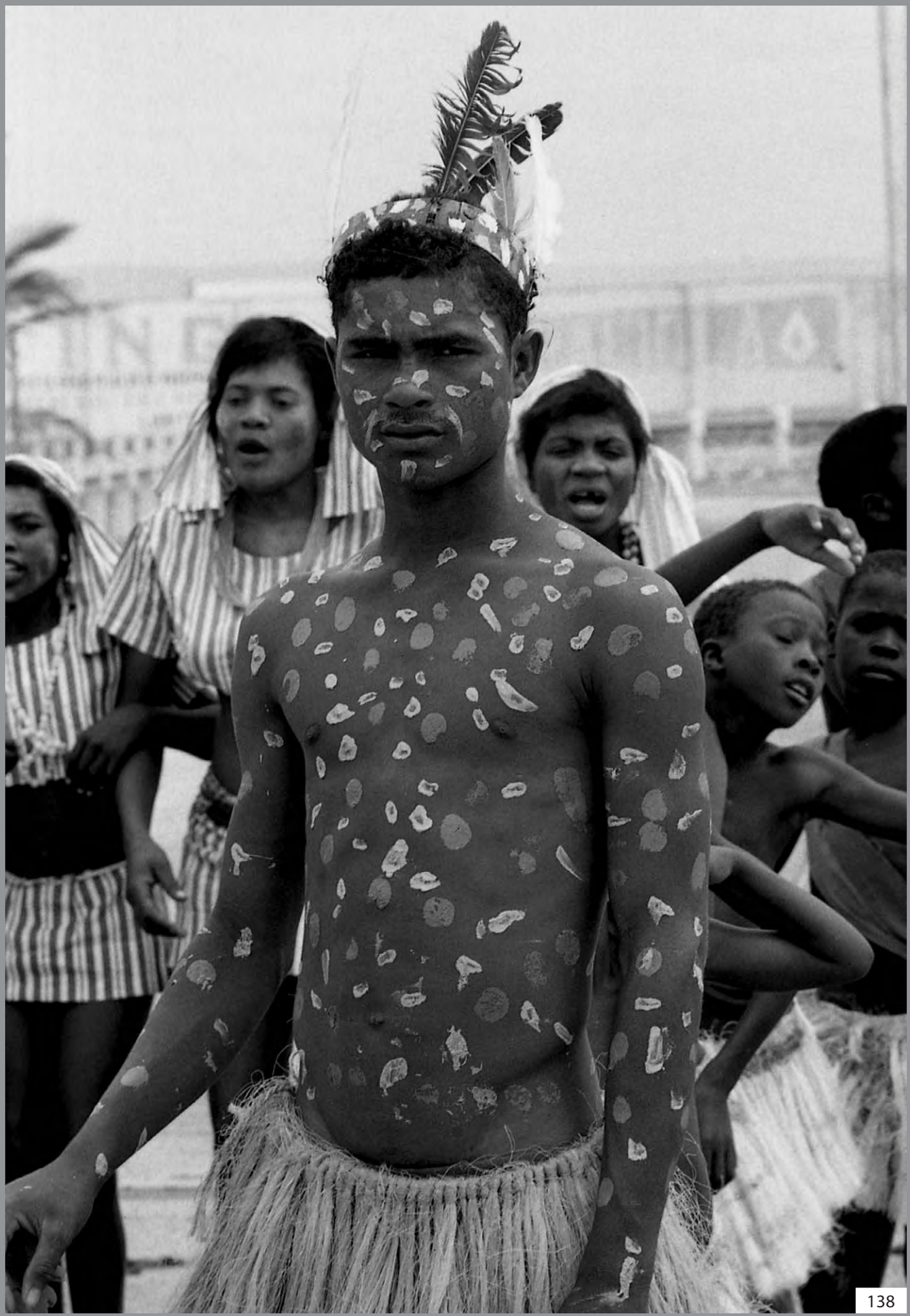
133

134

135

136

137



138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

CARNAVAL DE LUANDA 1972

150 a 162 - Carnaval de Luanda de 1972 em homenagem ao Sr. Governador Geral Robocho Vaz.

150

Muitos grupos carnavalescos com os seus dísticos e trajes garridos, suas danças e folias desfilando em cortejo.

BCA

151

BCA
UNIÃO
agradece ao
GOVERNADOR GERAL DE
que o carnaval em
cada vez melhor!

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

UNIÃO KIELA
agradece ao Exmo senhor
GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA
que o carnaval em Luanda
cada vez melhor!

162

163

163-164 - Parte da Cidade Alta, da Cidade Baixa, O Banco de Angola e o antigo Porto Pesqueiro.

164

165-166 - O "France" fez escala em Luanda, ficou ao largo e os passageiros vieram visitar a cidade.

FRANCE

167

167 - O "Quen Elisabet" também passou por Luanda.

166

168 - Depois de um passeio pela cidade, os turistas voltam ao France.

168

169 a 176 - Várias vistas de Luanda que salienta o contraste entre os modernos prédios erguidos por toda a cidade e o casario colonial e histórico da Cidade Baixa.

169

170

171

172

173

174

175

176

177 - Uma parcela da cidade junto à Marginal e ao fundo a Fortaleza S. Miguel.

178 - Em primeiro plano a Fortaleza de S. Miguel e ao fundo a Marginal.

179-180 - A Fortaleza de S. Miguel.

181 - Na Av. Marginal desfrutando a sombra das palmeiras, nota-se a acentuada curva da Baía.

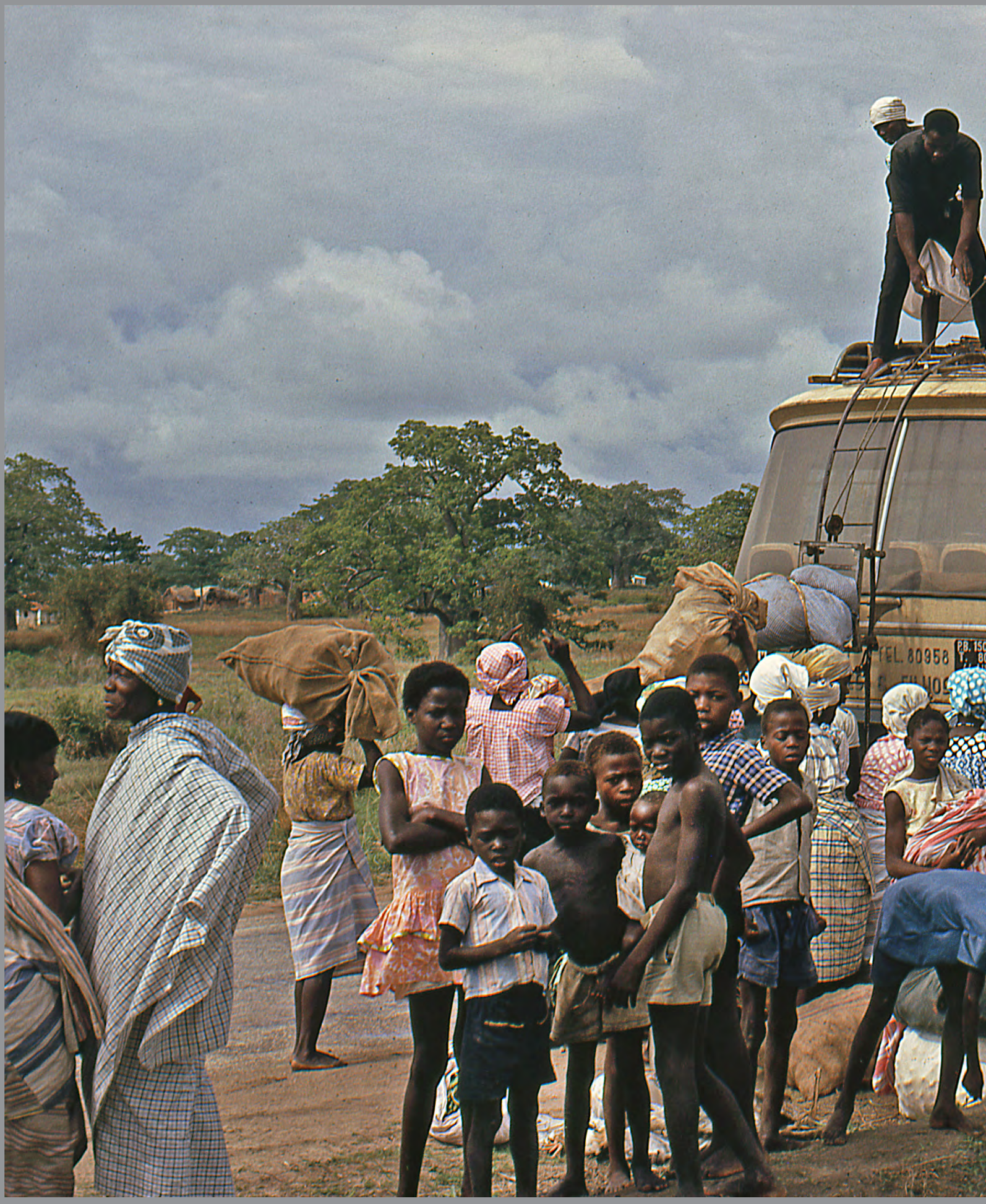
181

182

182 - No Largo da Mutamba o edifício da Fazenda
e a Central dos machimbombos.

183

183-184 - Às portas de Luanda uma paragem
do autocarro vindo do interior.



184

185 - Vista aérea de um musseque.

186 a 196 - Fotos mostrando a vida nos musseques, com as suas lojas, bares mercados de frutas e hortaliças, venda de roupas, de imagens sagradas, de cestaria, de uma grande quantidade de outros produtos e mesmo um "studio de fotografia".

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197-198 - Aos fins de semana, nos musseques, uma grande multidão assiste e se diverte com os artistas em cena e os grupos musicais.

197

198

199-200 - No Estádio assistindo a um jogo de futebol.

199

201 - Não faltam piscinas municipais em Luanda.

202

202 a 206 - Autódromo de Luanda -Grande Prémio de Angola
(inscrito no Calendário Internacional de Provas de Velocidade).

203

204

205

206

207

208

207 a 213 - A associação de artes marciais de Luanda
de onde fazia parte o meu grande amigo Cesario Simões de Abreu.

209

210

211

212

213

214-215 - Concurso para a eleição de Miss Angola.

216 a 220 - O novo Museu de Angola, o seu interior e o aspecto de algumas salas.

218

219

220

221

221 a 224 - O Hospital Universitário de Luanda, aspectos do Bloco Operatório.

222

223

224

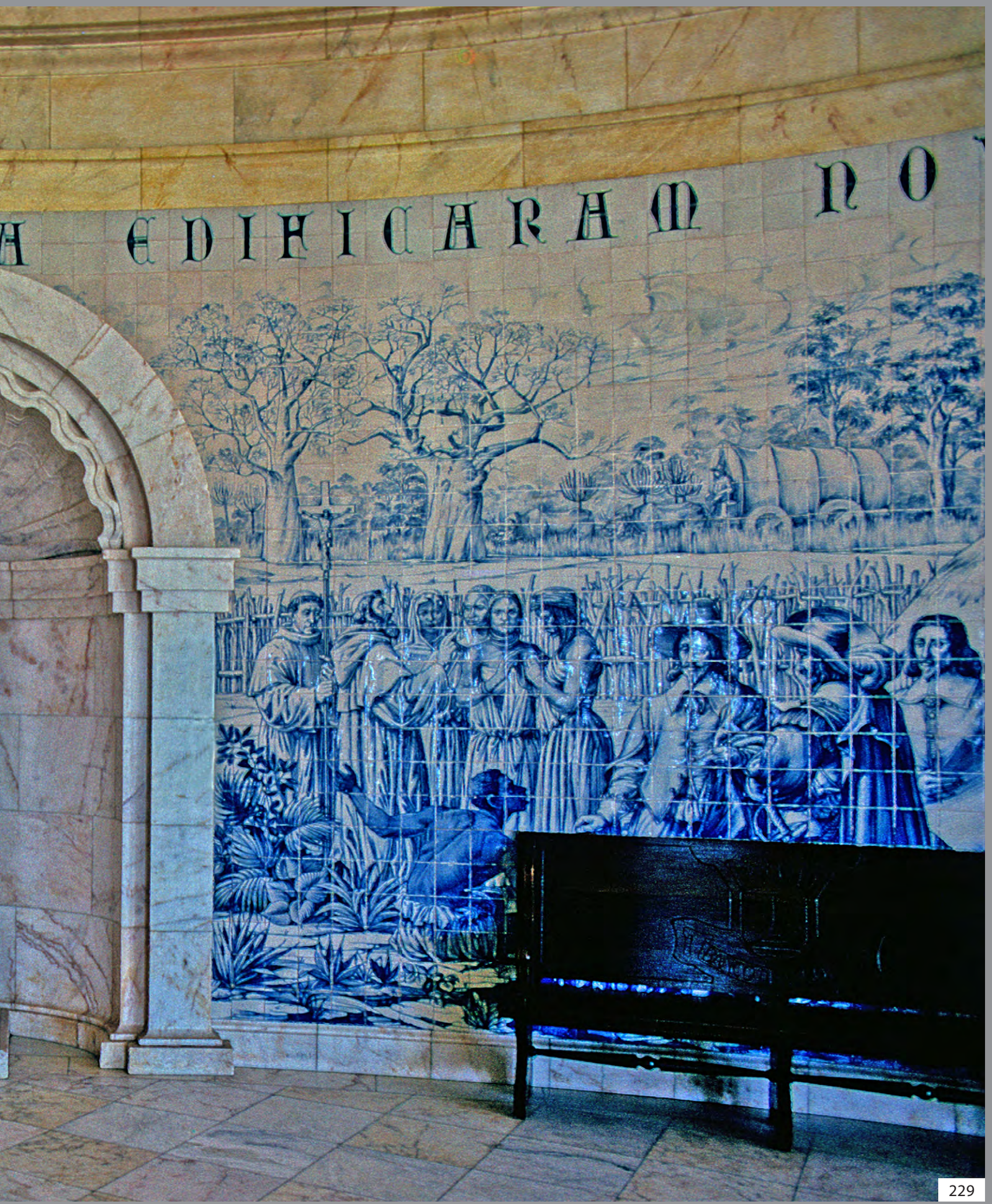
225

225 a 232 - Varios aspectos do Banco de Angola, as suas balaustradas e colunas em marmore de Moçamedes, os seus maravilhosos Azulejos.

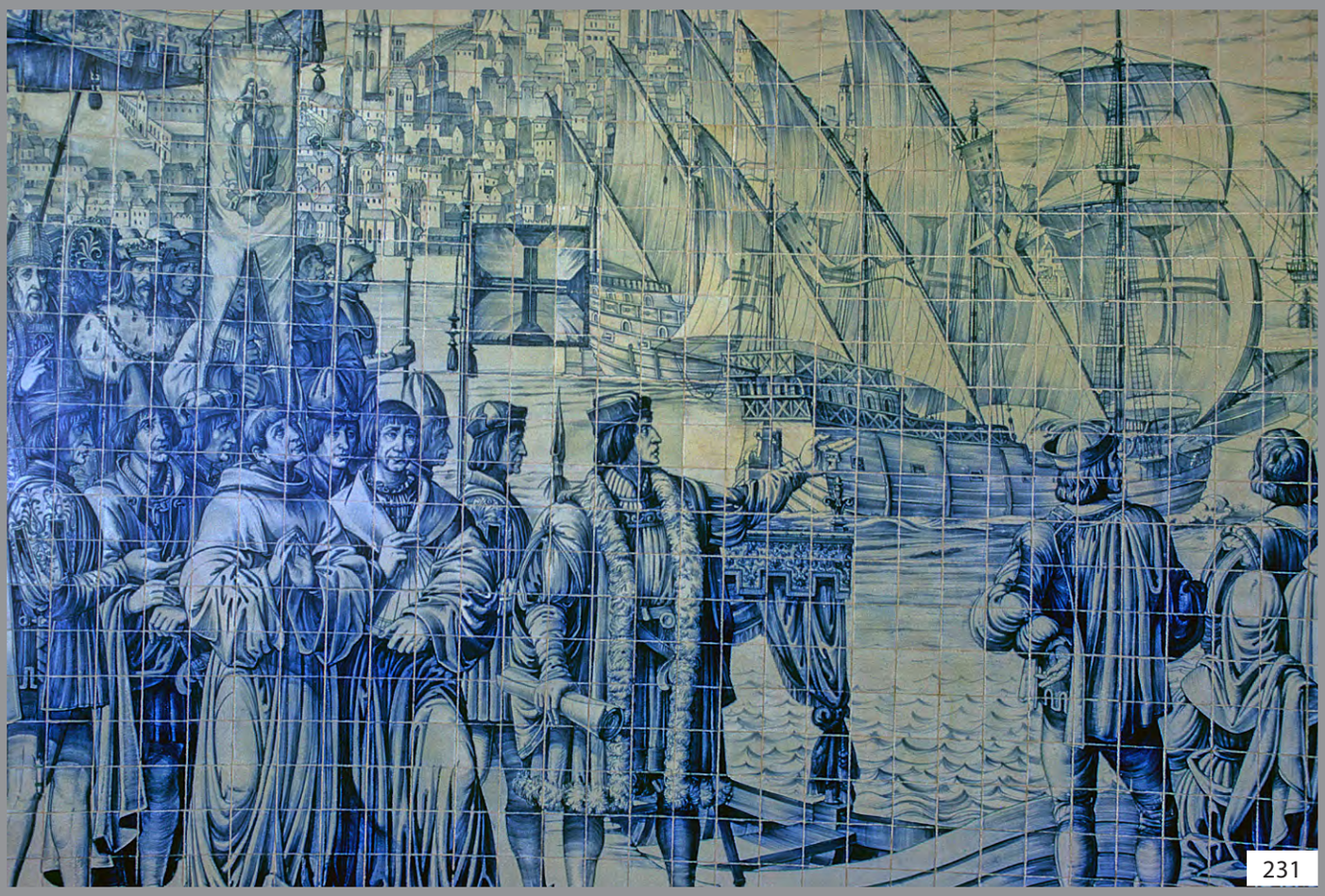
226

227

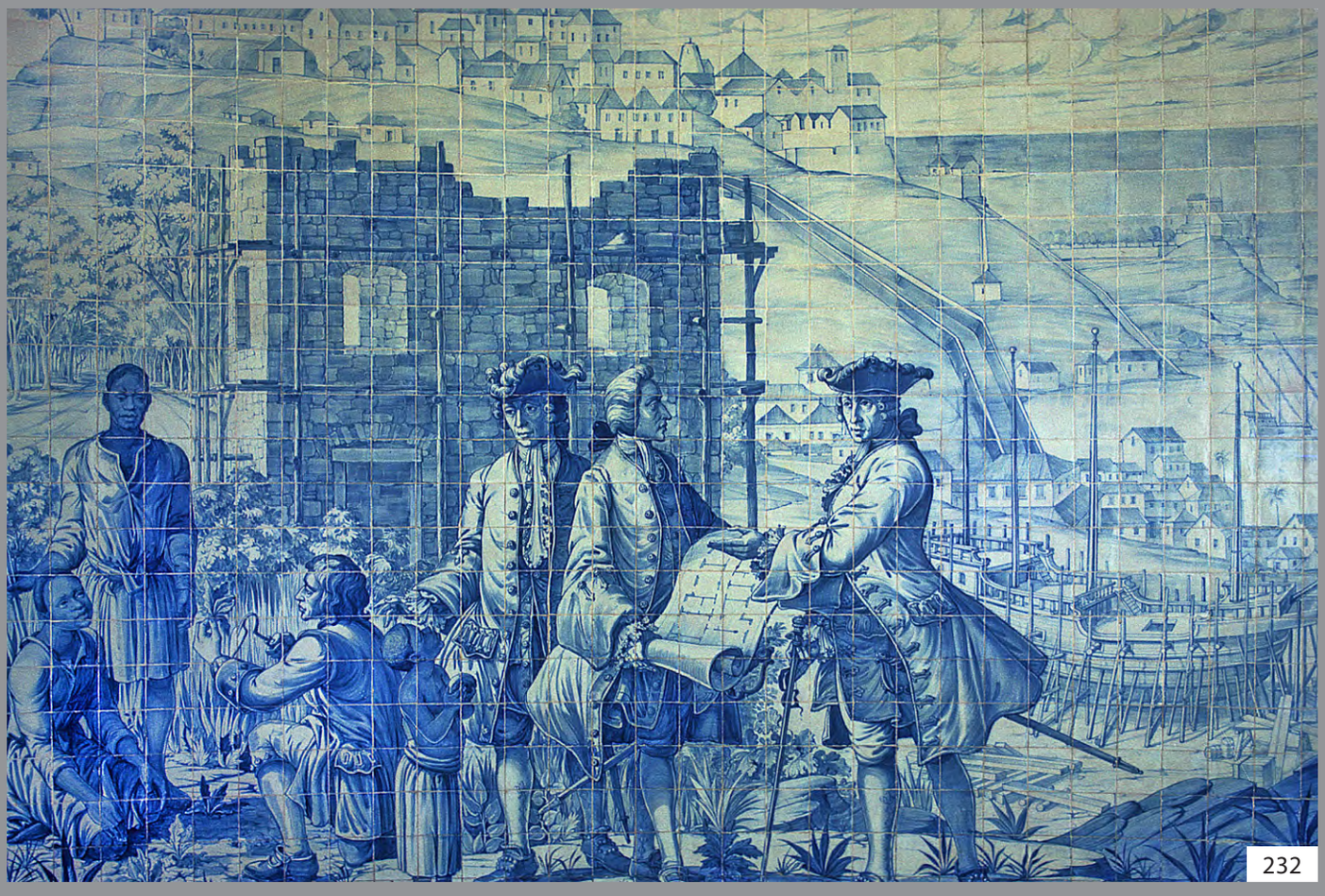
228



229



231



232

233

233-234 - Interior do Banco de Angola e o seu Salão Nobre.

234

235-236 - ?

235

236

237 - Monumento ao Infante D. Henrique.

2398-239 -Interior e exterior do Banco Pinto e Sotto Mayor.

240 - Fachadas do Banco de Angola e do Banco Comercial de Angola.

240

241-242 - Fachada Central do Liceu Salvador Correia.

241

243 - Liceu Paulo Dias de Novais.

244-245 - A saída das aulas no Liceu Feminino.

246 - A Christine com um grupo de alunas do Liceu Feminino.

247 a 249 - Alguns alunos num Laboratório fazendo suas experiências.

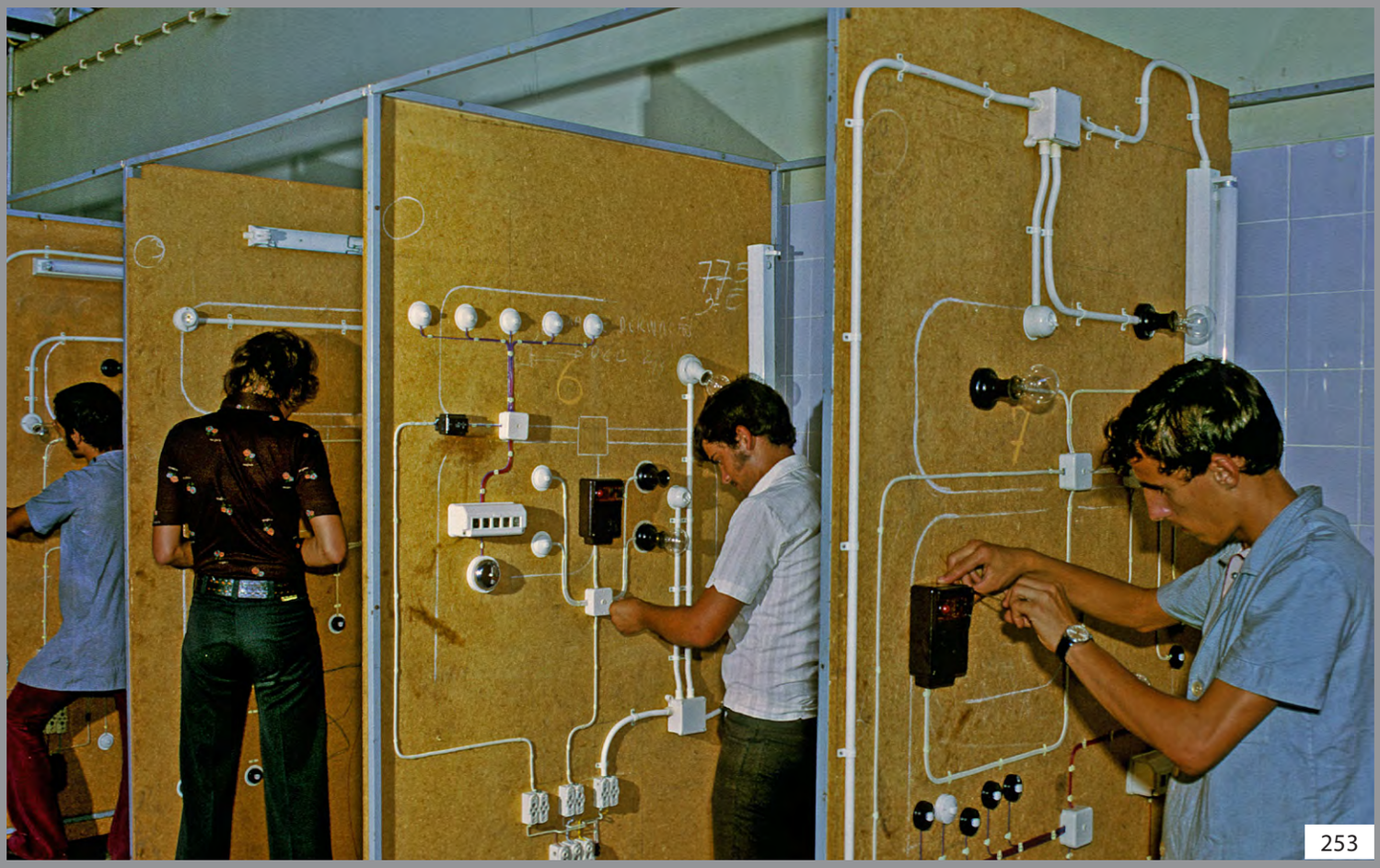
249

250

250 a 252 - Interior da magnifica Biblioteca do Liceu Salvador Correia.

251

252



253-254 - Alunos da Escola Industrial em salas de Electricidade e Serralharia.

255

255-256 - Abrigo dos pequeninos da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

256

257

258

259

257 a 260 - O Mercado de Qinaxixe com a sua imensa quantidade e qualidade de frutas , legumes e animais.

260

260 a 263 - "Jumbo" o único Hiper-Mercado em todo território português.

262

261

263

264 - Uma recepção num restaurante da cidade.

265 a 267 - Sala de jantar, sala de exposições e bar de um grande hotel da Capital.

266

267

268

268 a 271 - O moderno Hotel Costa do Sol e algumas das suas cómodas instalações

269

270

271

272-273 - A antiga e tradicional esplanada da Portugália.

274

274-275 - O novo Snack Bar na Mutamba.

275

MUAMBA

276 - Os ingredientes do prato nacional Angolano a "Muamba".

CACIMBO

277

277-278 - Vistas de Luanda no tempo do Cacimbo.

CACIMBO

278

279-280 - "Montes da Lua" nos arredores de Luanda.

281 - Paisagem tipica do Parque da Quiçama e dos arredores de Luanda.

282 - Ibondeiro do Parque da Quiçama.

283 - Bonita paísagem dos arredores da Quiçama.

283

FUNDIÇÃO DE FERRO DE "NOVA OEIRAS"

Em Setembro de 1769, no governo de Sousa Coutinho, foi concluída e estabelecida em Nova Oeiras, região da Cassoalala, uma Fábrica de Ferro que possuía uma Igreja, Intendência, habitação e oficinas, sob administração do "Tenente-Coronel" Manuel Tavares, antigo sacristão e criado doméstico do dito Governador.

Pouco tempo laborou pois os artífices vindos da Europa, tinham sucumbido devido ao mau clima ali existente.

Em Maio de 1925 as suas ruínas foram consideradas "Monumento Provincial".

284-285 - As ruínas do que resta da Fundição de Ferro de Nova Oeiras.

MASSANGANO

Foi em 2 de Fevereiro de 1583 que Paulo Dias de Novais, num local que ficava num morro na confluência dos rios Quanza e Lucala, denominado Massangano, depois do soba Ngola Kiluangi com um numerosíssimo exército "um milhão e duzentos mil homens" ter sido derrotado por cento e cinquenta portugueses e milhares de combatentes da "guerra preta" (as tropas de Novais) fundou ali uma povoação e uma igreja. Massangano, com suas casas feitas em taipa, passou a chamar-se "Vila da Vitória" e a igreja que ali haviam construído dedicada a Nossa Senhora do Rosário, passou a designar-se por Nossa Senhora da Vitória".

Quando em 9 de Maio de 1589 morre o seu fundador, foi sepultado em frente dessa igreja num modesto mausoléu.

Muito mais tarde os seus restos mortais foram transladados para a Igreja de Jesus em Luanda.

Durante anos Massangano foi uma povoação importante apesar do seu péssimo clima, tornando-se mesmo a povoação mais importante da Colónia.

Quando em 1641 Luanda foi ocupada pelos holandeses foi para Massangano que se retirou a população daquela cidade acompanhando o Governador-Geral Pedro Cézar de Menezes e o Bispo D. Francisco Soveral. Tornou-se então durante oito anos a capital civil de Angola.

Em 1648 Salvador Correia reconquistou Luanda que ficara muito destruída. Teve de ser reconstruída em grande parte.

Em 19 de Junho de 1667, Massangano foi elevada definitivamente a Vila, com Câmara e um Juiz Ordinário.

A primitiva igreja, já em más condições, foi substituída por outra construída de pedra e cal e coberta a telha.

Durante mais alguns anos a sua importância continuou, mas com a criação de outros presídios e outras povoações, esta foi decaindo. A doença do sono eliminou muitos dos seus habitantes.

286 - Massangano, a Igreja de Santa Maria da Vitória.

287 a 289 - Vista da Fortaleza e da Igreja.

290 - Alguns detalhes da Fortaleza e ao longe o que resta da povoação.

291 - Vista da Fortaleza, a confluência do rio Quanza com o Lucala.

FORTE DE QUIBALA

292 - O Forte da Quibala.

LOBITO

Desde as viagens de Diogo Cão a Angola que a Baía do Lobito era conhecida pelos portugueses pois ela figurava em antigas cartas geográficas (1507). O Lobito antes designava-se por Asseiceira "Catumbela das Ostras" e "Catumbela das Águas Salgadas". Cerveira Pereira tinha preferido fundar a cidade de "S. Filipe de Benguela" naquele local porque na Baía da Catumbela não havia água doce.

Em 1624 durante a ocupação dos holandeses, em Benguela, estes estiveram naquela baía onde assaltavam os barcos que rumavam a Luanda, tornando-se mesmo refúgio de piratas e contrabandistas.

Pinheiro Furtado, em 1790, desenhara a "Carta Geográfica da Costa Ocidental de África", com bastantes pormenores e muita exactidão.

Em 1843, a Rainha D. Maria II aceita o pedido da transferência da cidade de Benguela para Catumbela das Ostras, com a concordância dos seus habitantes. Estes já tinham arranjado fundos para o encanamento das águas do rio Catumbela, porém poucos foram os que ali se estabeleceram ocupando-se da pesca.

Em 1881, com a descoberta das minas do Katanga, tornou-se necessária uma ligação com o mar, pelo que em 1895 é estudado o traçado de uma linha férrea que, saindo da Catumbela das Ostras e passando pelo Baillundo e Bié, chegasse até Katanga.

Em 1903, na mesma época em que se prolonga a linha Cabo-Cairo até ao Congo Belga, iniciaram-se os trabalhos de construção da linha por concessão feita pelo governo português a Sir Robert Williams, ao mesmo tempo torna-se necessário que se estude um futuro grande porto no Lobito com cais acostável.

Em 1921, com um atraso de 7 anos, em consequência da Guerra de 1914/18, que fez escassear os materiais, se iniciou uma muralha com 225 metros, onde se instalaram muitos prédios: Câmara Municipal, capitania do porto, correios, serviços de saúde, serviços de administração pública, etc., etc..

Em 1928 a linha férrea chegava à nova fronteira (Dilolo).

O cais existente no porto não dava vencimento ao intenso tráfego que ali havia então. Era indispensável fazerem-se obras portuárias que se concluíram em 1943 com a construção de 635 metros desse cais acostível, ergueram-se cinco armazéns e canalizou-se a água para abastecimento dos navios. Foi igualmente necessário assentar as linhas para os comboios e para os guindastes e vedou-se o recinto do porto. Para tal efeito entrou em

funcionamento a primeira locomotiva que ia transportando os materiais necessários para o avanço das obras, à qual foi atribuída a designação: "General Machado 01".

Já em 1947, metade da produção do ferro de Katanga era transportada por este trajecto por ser mais curto do que o existente por Matadi. Por falta de terrenos convenientes na cidade, que já se denominava Lobito (por ali ter vivido um soba com esse nome), foi-se estendendo pelos "mangais". Arborizou-se, melhorando-se assim o seu clima. Na praia que existia do lado da baía, construiu-se uma larga avenida e novas ruas se abriram assim como largos e formosos jardins.

Ao sul do Lobito construiu-se um Aeroporto com hangar bem espaçoso, e um Observatório Meteorológico.

As indústrias ali existentes eram: fabrico de casas de madeira, instalação de fornos de cal, cerâmica, salineira, refinação do sal e do açúcar, serrações de madeiras, serralharia, cimentos, metalúrgica, confecção de álcool e outras.

No Vale do Cavaco os terrenos são férteis praticando-se a cultura de produtos hortícolas, frutas, cana sacarina.

No desporto praticam o futebol, hóquei em patins, as provas náuticas, o golf, natação, ginástica.

Era servida por boas estradas.

O Carnaval do Lobito tornou-se muito famoso com o seu cortejo em que desfilavam muitos carros alegóricos, (um deles transportando o "rei e a rainha" do Carnaval), muitos grupos nativos de danças, bandas indígenas com os seus instrumentos artesanais e milhares de foliões mascarados, principalmente de locais bastante satisfeitos! O movimento, a cor e a música são o seu apanágio.

Também nas ruas há verdadeiras "batalhas" com água e farinha entre diversos grupos. Em clubes e em casas particulares tinham lugar diversos e animados "bailaricos".

O Porto do Lobito foi o último porto de Angola aberto à navegação e, no entanto, com o de Luanda e de Moçamedes, faz parte dos seus três melhores.

293 - Lobito – Bando de flamingos enchendo os céus com seus graciosos voos.

294-295 - Vista sobre a parte industrial da cidade. Em primeiro plano uma imensidão de flamingos que ali habitavam durante todo o ano, alimentando-se de peixes e de moluscos.

294

295

296 - As famosas "Portas do Mar".

297 - A Praça do Infante na Restinga.

298 - Uma rua da cidade em hora de ponta.

299 - A Restinga com as suas lindas palmeiras e vivendas.

300 - O menino e o grande navio.

301 - O edifício dos correios C.T.T.

302 - O Hotel Términus.

303 - Um mercado indígena ao ar livre.

304 - Na praia ... que belo soninho...

305 - Comendo a papa que a bábá lhe dá... (Angola era assim...
uma das fotos minhas preferidas).

945
AO 945

306 a 310 - As provas de barcos à vela, dos pescadores indígenas, tinham muita assistência.

307

309

308

310

311 - Garoto, à sombra de uma palmeira, apreciando a corrida de barcos na baía.

312-313 - Desfrutando os prazeres da praia e as suas águas quentes e calmas.

313

314

314 - Estátua e Praça Luís de Camões.

315

315 - Estátua de Luís de Camões.

316

316 - As Portas do Mar.

317

317 - Duas Senhoras passeando, no fundo o Edifício da Alfândega.

318 - Restaurante - bar numa praça do Centro.

319-320 - Praça do Infante.

321 a 346 - Carnaval do Lobito de 1971 filmado pelo Guy Leroy.

CARNAVAL DE LOBITO 1971

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

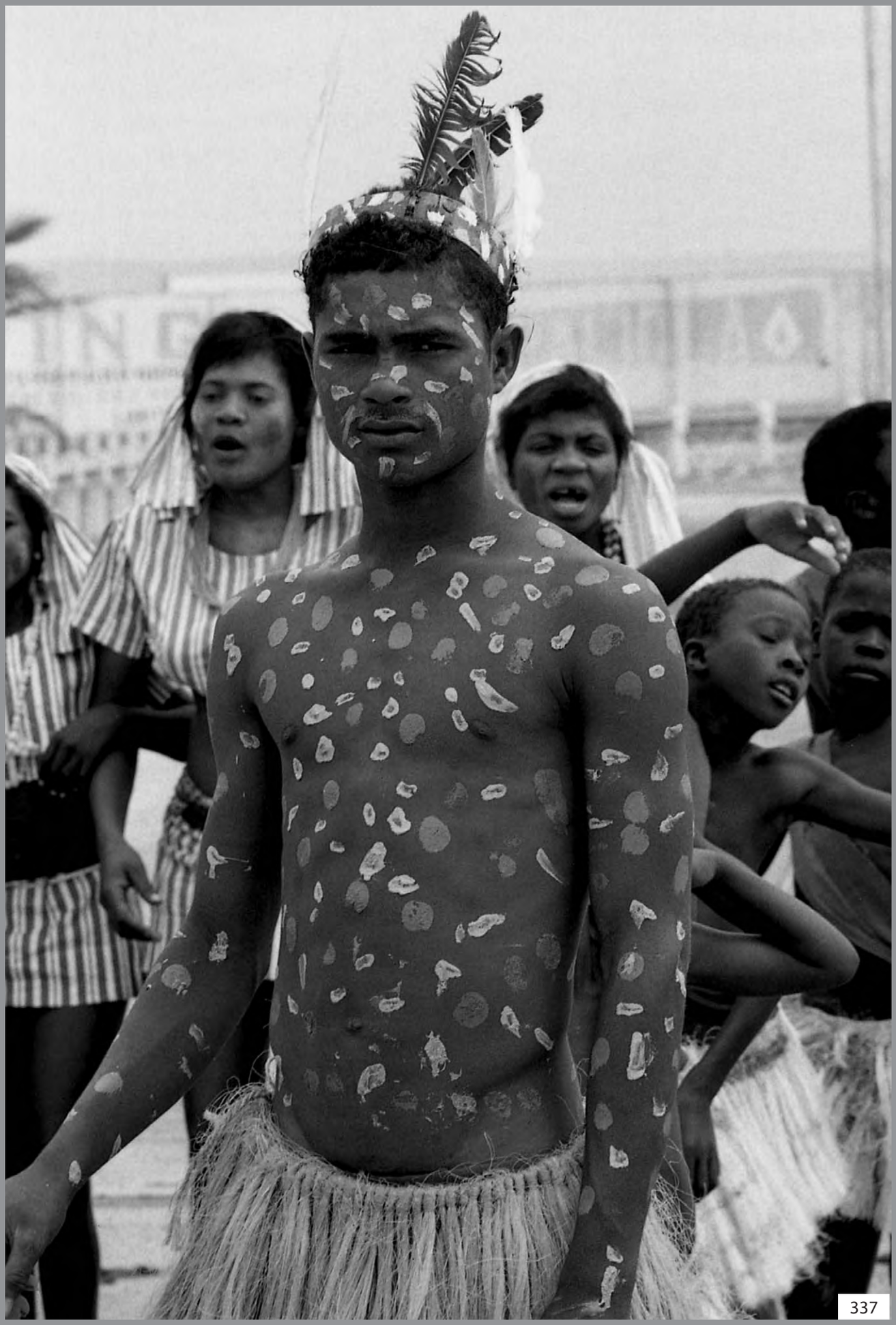
332

333

334

335

336



337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

CARNAVAL DO LOBITO 1974

347 a 402 - O fantástico e último Carnaval do Lobito de 1974, filmado por Jean Charles e Christine, a algumas semanas do trágico 25 de Abril de 74. Um grande cortejo com carros alegóricos

347

desfila pelas ruas da cidade onde os foliões, com ou sem mascaras, enfrentam-se numa guerra de farinhas e águas ou entretêm-se nos salões de dança dos diversos clubes.

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

OFERTA DOS PAISES SUBDESENVOLVIDOS
AOS
ESTADOS UNIDOS

373

Dusol
usol

374

375

376

377

378

379

PARA PÃO do LOR
FABRICO DA CASA
AQUI FALTA A DE Aljubarrota

380

A FALTA DE GASOLINA
DANTES ERA MAIS GORDO

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403 - Linda casa de estilo colonial creio que perto de Luanda?

404 - Outra maravilhosa vivenda creio que na província do Cunene?

405

405-406 - Linda capela na cidade de?

406

BENGUELA

O Governador de Angola, Cerveira Pereira, em 17 de Maio de 1617, fundeou na Baía de Santo António e aí fundou a povoação que escolheu para capital do Reino de Benguela, dando-lhe o nome de S. Filipe.

Em 2 de Fevereiro de 1641 os holandeses ocuparam a povoação e a guarnição militar portuguesa e os poucos habitantes internaram-se no sertão estabelecendo-se na povoação de Caconda.

Em Setembro de 1648 seguiram de Luanda dois navios sob o comando de João Rodrigues Castelhano para restaurarem o Reino de Bengu, e só em Outubro desse ano conseguem recuperar o presídio.

O Reino de Benguela perdeu então a sua independência e ficou a fazer parte do Governo-Geral de Angola, depois de dominarem o soba Pangi-Andona e outros sobas da região.

Em Julho de 1705 chegaram a Benguela quatro navios franceses que a saquearam e destruíram a Fortaleza. Só em 20 de Outubro as poucas forças portuguesas conseguiram que os franceses deixassem a cidade rumando a Catumbela, onde se abasteceram de água. Foi aí que devolveram as imagens furtadas da igreja de Benguela.

Benguela foi então reconstruída no mesmo local.

Até ao século XIX a cidade manteve-se estagnada e só em meados do século passado começou a ter grande importância porque por ali passavam e se abasteciam as grandes expedições de comerciantes e pombeiros ("pumbeiros") que iam para o interior.

Com a abertura do caminho de ferro de Benguela cujos comboios saía dessa cidade ligando à fronteira do Dilolo e à República do Zaire, transportando diversas mercadorias, entre elas, os minérios do Catanga, sofreu grande incremento e tornando-se numa cidade próspera e moderna.

No ensino tem: Jardim Escola "D. Berta Craveiro Lopes", escolas primárias, Escola Industrial e Comercial "Venâncio Deslandes", Escola Preparatória "Cerveira Pereira, Escola Elementar Profissional de Artes e Ofícios "D. Filipa de Lencastre", Escola do Magistério Primário "Luis Gomes Sambo".

O seu porto de pesca tem importância sendo mesmo neste aspecto um dos mais importantes de Angola. A sua indústria de conservas de peixe é considerável. Possui belas praias como: Morena, Baía Azul, Caota, Caotinha, Baía Farta. Tem modernas estradas e ligação aérea com Luanda e outras cidades.

Em redor de Benguela há o vale do Cavaco com os seus terrenos férteis onde se cultivam muitos produtos hortícolas.

Os seus arredores são igualmente ricos em caça: antílopes, gungas, leopardos, hienas, mabecos e outros.

407 - Benguela - Prédio da Associação Comercial.

408 - Monumento da Fundação da Cidade, 17 de Maio de 1617.

409 - O grande Hotel Mombaka.

410

411

410-411 - Praça? da cidade e o seu Monumento.

412 a 415 - Crianças e adultos assistindo a um desafio de futebol de jovens.

413

414

416 - Aula de ginástica para jovens escolares.

417 - Monumento da Fundação da Cidade.

418 - Prédio da Associação Comercial visto de outro ângulo.

419 - A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo.

420 - A Ponte da Catumbela.

MALANGE

Uma expedição chefiada por Rodrigues Graça, em 1843, chega ao seu fim, Katanga, (Karicunga) e que os portugueses baptizaram de Malanji (Malange) que no dialecto Kimbundu significa… "as pedras"…

Para explicação do nome há, pelo menos, três versões:

– Os moradores, que foram encontrados nessa altura pelos forasteiros e que não os podiam perceber quando lhes perguntaram o nome do rio, responderam-lhes …"ma langi n'gana"… o que quer dizer…"são pedras, senhor" …

– Outra será: os emissários portugueses foram procurar os sobas locais para os prevenir que podiam usar da força para a ocupação da região, ao que um deles retorquiu: "… malagi"… (são malucos!).

– E finalmente a terceira: os portugueses ao aproximarem-se do rio deram com um grande grupo de mulheres que se ocupavam a moer mandioca. Quando lhes solicitaram o que estavam a fazer, elas que não os perceberam, disseram-lhes… "mala mangi"… (também há homens).

Em Março de 1852, foi criada a Feira de Malange para substituição da de Cassange (Cassanje).

Em 1857 passa a Presídio e em 26 de Dezembro desse mesmo ano, torna-se sede do concelho da Lunda tendo como chefe o coronel Henriques Dias de Carvalho.

Foi em 1862, no mês de Maio, que se iniciou a construção do Forte de Malange para protecção da passagem das grandes caravanas que comerciavam o marfim, a borracha e a cera, tendo-se ali instalado em Outubro seguinte uma coluna de Bailundos comandada pelo major Augusto da Serra e que veio fortalecer a guarnição porque as lutas contra alguns sobas se haverem agudizado.

Ao terminarem essa campanha, as tropas abandonaram o Forte por faltarem os alimentos e muitos estarem doentes.

Também nesse ano se iniciaram os trabalhos para a construção de Nossa Senhora da Assunção orientados pelo capitão Simão Sarmento que era então o chefe interino de Malange.

O comando do posto passa em Janeiro de 1874 para o chefe do concelho, capitão Ventura José.

Dias de Carvalho parte numa expedição à Lunda, em Outubro de 1884, para atingir o Muatiânvua porque este tinha pedido a visita dos brancos. Passados três anos, em 1887, regressa a Malange, depois da longa viagem, não trazendo boas notícias da sua tentativa de apaziguamento daquele poderoso chefe.

As Irmãs de S. José de Cluny instalam-se em Malange onde em Dezembro de 1893, fundam um colégio.

Foi criado o distrito da Lunda em Julho de 1895, mas só em 1886 Malange fora designada sua capital.

Os Bondos revoltaram-se atacando a guarnição militar em 1900, tendo sido a população salva por um reforço de tropas comandado pelo tenente Graça.

Em 1910 a linha férrea Luanda-Malange chega a esta cidade.

O Governo português decidiu comprar o Caminho de Ferro de Ambaca em Julho de 1818, pois a esta Companhia pertencia o troço entre Luanda e Lucala e ao governo português o trajecto entre o Lucala e Malange. Por esta forma todos os seus ramais ficam a pertencer à Companhia dos Caminhos de Ferro de Luanda.

Nos anos 60 e princípios de 70 a cidade desenvolveu-se e modernizou-se.

No ensino, além das escolas primárias existiam: Escola Preparatória Marquês de Pombal, Escola Industrial e Comercial Sá Viana Rebelo, Liceu Adriano Moreira e Escola Elementar e Profissional de Artes e Ofícios, sendo todas muito frequentadas. A Associação Comercial com um bom prédio.

O sub-solo da região, rico em minérios, apresentava: diamantes, urânio, calcáreos e fosfatos.

A principal cultura da região era o algodão mas ainda produzia tabaco, mandioca, milho, ginguba, batata-doce, feijão e soja.

As principais indústrias eram: a fiação e o fabrico de tecidos de algodão, tabacos, materiais de construção e produtos alimentares.

Na fauna abundavam as grandes palancas negras, havendo mesmo um Parque (da Cagandala) para a sua preservação. Eram mesmo o símbolo de Angola.

Para algumas horas de distracção e convívio havia uma piscina municipal, um parque infantil e jardins.

A região é rica em belas paisagens, distinguindo-se as "Pedras Negras", de Pungo Andongo, que são formações rochosas com milhões de anos e onde se encontram ruínas da antiga Fortaleza que os portugueses que ali tinham erguido em 1671.

As famosíssimas Quedas de Água do "Duque de Bragança" "Calandula", que ficam pouco distantes daquelas, no rio Lucala. Estas Quedas têm 105 metros de altura, sendo as segundas mais altas de África!

421 - Malange - Palácio do Comércio e Tribunal e o bonito jardim em face.

421

422 - Banco de Angola e jardim.

423 - Novos edifícios que crescem em altura.

424 - Militares aguardando transporte, não faltando os vendedores de gelados.

425 - Chamada de civis para o embarque nos autocarros.

426 - Palácio do Comércio e Tribunal.

427 - Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Catedral da Cidade.

428 - Um aspecto de uma Avenida com edifícios comerciais.

429 - Banco de Angola.

CARMONA

1916 – Janeiro – Colunas do Nòqui combatem na margem esquerda do rio Zaire, enquanto outra avança da Damba para o Cuilo e uma terceira vai do Bembe para o Uige.

Agosto – Instalação dos Postos de Uige (Pombo) e Mucana, no Sosso.

A povoação do Uige (Uije) e um Posto Militar foram fundados pelo alferes Tomás Berberan em 1917.

"Uijidi" significa "chegou" na língua Quioca, palavra essa que ouviram ao chegarem e daí derivou: Uige. Fica situada no norte do país.

Em Abril de 1918, uma expedição do botânico Gossweiler percorreu a região do Uige estudando a flora.

1925 – Instalação da North Angola Mission no Uige (Quicaia – conhecida por …"Missão do Norte de Angola").

Em 1933, ainda se mantinha o Plano de prolongamento do ramal do Caminho de Ferro de Luanda ao Uige.

Setembro (?) – Foi criada a Escola Primária oficial "Delgado de Carvalho", no Uige.

1936 – As fazendas da região do Uige já cultivavam o café "robusta". A estrada de Luanda-Uije era então conhecida por …"estrada do café" …em virtude das muitas plantações existentes, das quais muitas pertenciam à população nativa.

O Bispo, D. Moisés Alves de Pinho, visitou o Uige e ainda outras cidades de Angola em Dezembro de 1937.

1943 – A mortalidade infantil era muito alta pelo que se iniciou a construção de uma Maternidade.

1949 – 7 de Dezembro – P.P. n.º 6.957 – Abertura do Serviço da Caixa Económica Postal nas estações dos CTT no Uige.

1954 – 5 de Maio – D.L. n.º 2.552 – Concessão do Foral à cidade do Uige que era uma Vila, Capital da Província com o mesmo.

1955 – 16 de Fevereiro – Passou a chamar-se Vila Marechal Carmona, em homenagem ao Presidente da República, Óscar Fragoso Carmona, falecido em 1951.

1955 – 19 de Fevereiro – P.P. n.º 8.904 – Foi aprovada nova Divisão Administrativa de Angola (ressurgem os distritos e terminando novamente com o regime de "Províncias", entre eles o do Congo, com sede no Uige.

Mas, só em 22 de Maio de 1956, passou a ser cidade (Cidade de Carmona).

Em 27 de Março de 1957 os comerciantes do Uige apresentam um relatório sobre a utilização abusiva de trabalhadores contratados.

1958 – Dezembro – No distrito do Uige residiam 399.886 indivíduos.

Também nesse ano foi criado o Aéro Clube do Uige.

Em 1960 viviam 6.250 habitantes na cidade, que, com a influência do negócio do "café" se tornara numa localidade bastante desenvolvida, com muito comércio na "Rua do Comércio", na rotunda, encontrava-se a estátua de "Ricardo de Matos Gaspar. Surgiram então magníficos prédios: Residencial Apolo, Cine Moreno, Grande Hotel, Tribunal da Comarca no antigo Posto Administrativo e Câmara Municipal, belos jardins, amplas ruas e um bem apetrechado aeroporto.

1961 – 13 de Março – No Conselho de Segurança (ONU), Addlai Stevenson vota a favor dos países afro-asiáticos contra Portugal, para a independência das suas "províncias ultramarinas"…

"…1961 – 14/15 de Março – A UPA inicia os seus ataques e massacres no Norte de Angola, com o apoio do Congo (Belga), contra os brancos, seus serviçais e trabalhadores indígenas das fazendas, sob a orientação de Holden Roberto e ainda com a ajuda dos Bakongos e dos Americanos! Atacam os postos da guarda fiscal situados na fronteira de Maquela do Zombo e de S. Salvador do Congo, bem como as casas comerciais fazendas e residências dos proprietários e dos empregados ao seu serviço, quer fossem brancos ou negros! Foram mortos 800 civis, na sua maioria mulheres e crianças! Uma das zonas mais atingidas foi a de Quitexe e Nambuangongo, prolongando-se ainda pelo Uige, Zaire, Malange e Cuanza Norte". No prosseguimento desses ataques os "revoltado " da UPA mataram, só na zona Norte e por iniciativa própria, cerca de oito mil angolanos, incluindo muitos dos elementos afectos ao MPLA que tentaram passar do Congo Belga para Angola!"… (transcrição parcial da obra "Angola – Datas e Factos", (4.º Volume - 1912/1961), pgs. 363/364).

Para a educação existiam, escolas primárias, Escola Preparatória "Marechal Carmona", Escola Comercial e Industrial "Tomás Berberan", Liceu "Salazar", Escola Elementar Profissional de Artes e Ofícios de Garcêz de Lencastre"…

Na Agricultura, a principal cultura era a do café "robusta" em franco desenvolvimento.

Para a parte desportiva e de convívio existiam: Rádio Clube, Clube Recreativo, o Futebol Clube e uma excelente piscina.

Para a preservação do hipopótamo, fora criada uma reserva especial.

Pontos turísticos: "Pedra do Feitiço" (no rio Zaire), Damba (mobílias de verga). Folclore de Maiaca e Mussuco, Feira de Maquel A (com venda dos artigos de "mabela", uma ráfia em cores).

430 - Carmona - Banco de Angola.

431 - Palácio do Governo e jardim.

432 - Avenida e ao fundo o Banco de Angola.

433 - Edifícios dos C.T.T.

HENRIQUE DE CARVALHO

Saurimo derivou do nome de Domingos Liangue Saulimbo.

O major Henriques Dias de Carvalho, em Maio de 1884, chefiou uma expedição cuja finalidade era apaziguar e dominar os sobas revoltados, podendo abrir um caminho para o escoamento do comércio feito na rota da Lunda. Essa expedição durou três anos mas, embora tivesse feito acordos de paz com os Lundas, não o conseguiu com os Quiocos, o que fez que não atingisse o seu objectivo inicial.

1895 – Julho – 13(?) – Foi criado o Distrito da Lunda com sede em Capenda Camulemba, mas seria instalada em Malange, nomeado como seu primeiro governador o coronel Henriques Dias de Carvalho, que logo envia uma embaixada ao soba Cambo Camana e negoceia a paz com diversos chefes locais.

1913 – Julho – Foi assinado o "Protocolo de Bruxelas" sobre a demarcação definitiva da Lunda. No ano seguinte já eram bastantes os "carros bóeres" do Sul que percorriam as regiões da Lunda para explorarem negócios com diamantes!

A tal ponto chegaram essas presenças que Norton de Matos decretou (em Setembro de 1915) o …"estado de sítio" …na Lunda. Era enorme a influência estrangeira no Norte e no Leste de Angola!

Verificaram-se operações militares na Lunda contra os Holos, enquanto as "caravanas da borracha" avançavam sertão fora, manobradas por interesses de Benguela e Catumbela, conhecidos por …"Culminância Transversal"…, antes que ali chegasse a linha férrea! Eram milhares de indivíduos em movimento no interior, permutando os produtos que mais interessavam aos comerciantes do litoral. Os carregadores mais utilizados entre Benguela e Bié, eram os Bailundos, continuando para o Norte e Leste com os Bienos.

1915 – Outubro – O Governador do distrito da Lunda, Utra Machado, segue para Luanda para assumir o cargo de Governador-geral.

O major Duarte Silva foi comandar a capitania mor que fora mudada de Mona Quimbundo para Saurimo e, em 1917, mandou abrir novos caminhos para a povoação.

O Governo, nesse mesmo ano, criou seis Companhias Indígenas de Infantaria.

A Companhia de Diamantes de Angola (Diamang) que fora constituída pouco tempo antes e sediada em Lisboa (1917), iniciara a exploração de diamantes em Julho de 1916. Além dos capitais portugueses constituíam-na também americanos, ingleses, franceses e belgas, possuindo o exclusivo na prospecção daquelas pedras preciosas em toda a Angola.

Ainda em 1917 a Lunda e Saurimo foram desanexadas do distrito de Malange.

O Reino da Lunda perde influência com o crescimento da poderosa Diamang:… "Do mesmo modo e, paralelamente, progredia a ocupação "portuguesa" (à mistura com estrangeiros na Lunda) de todo aquele distrito e a ocupação militar necessária, que

servia de suporte à majestática companhia, protegendo a sua zona de exploração, evitando interferências estranhas ou outros problemas futuros, principalmente sobre os milhares de trabalhadores de que necessitava nas suas diversas actividades e ainda para o apertado controle que mantinha sobre todos eles, e mesmo até sobre qualquer estranho que tivesse a "ousadia" ou o atrevimento de penetrar nos seus senhoriais domínios!"…

1918 – Janeiro – Nomeação do novo governador do distrito da Lunda, José Martins dos Santos.

Em Julho de 1918 foi criado o distrito militar da Lunda, separado de Malange, com Comissão Municipal e cuja sede ficaria em Saurimo.

1919 – Exoneração do governador da Lunda, Martins dos Santos.

1920 – Abril – Saurimo passa a designar-se Vila Henrique de Carvalho, e, foi escolhida para capital do novo distrito da Lunda, já separado do distrito de Malange em 1918, com um novo governador, capitão Oliveira Santos.

Ainda nesse ano o capitão Oliveira Santos organizou uma enorme coluna militar a que chamou "Coluna do Centro e Leste", em que a maior parte dos soldados que a constituíam eram Quiocos, sendo ele o seu dirigente! Tinha como propósito vencer o soba Quioco Calendende e ocuparem zonas que ainda estavam sob a sua posse. Regressa do Luxico para Henrique de Carvalho. Em Setembro conseguiram esse intento.

Desde essa altura, porque a região foi ocupada pelos portugueses pondo fim ao Reino da Lunda, a Diamang mudou-se para a povoação do Dundo.

Em 1923 a Associação Comercial da Lunda passou a designar-se Associação Comercial de Malange. A Missão de Combate contra a Doença do Sono foi então criada.

Registaram-se em Agosto novas "Operações de Limpeza" na região da Lunda e na da Diamang, quase só com soldados africanos!

1934 – Maio – O distrito da Lunda foi integrado na Província de Malange.

1944 – Foi decidida a construção de uma Maternidade em Vila Henrique de Carvalho.

Em 1948 as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria instalaram-se na Missão de Saurimo e aí puseram em funcionamento uma escola.

Em 1952 um "Movimento" fanático aconselha a destruição das culturas na Lunda.

1955 – A Lunda foi desagregada da Província de Malange.

A "Vila" passa a cidade em 28 de Maio de 1956 (D.L. n.º 2.754), sede do distrito. Tinha então, uma boa rede viária, aeroporto, quartel, edifícios oficiais e um cinema.

Novembro – Foi criada a Diocese de Malange, com D. Manuel Nunes Gabriel e abrangendo a Lunda.

Em 1960 residiam na Lunda apenas 1.807 brancos.

Soares Carneiro fora governador do distrito desde 1968 a 1972.

No Ensino havia escolas primárias, uma Escola Industrial e Comercial "Ernesto de Vilhena", uma Escola Preparatória "Henrique de Carvalho" (Liceu a partir de Novembro de 1974) e uma Escola Elementar de Artes e Ofícios "Carloto de Castro".

434 - Sé Catedral e jardim.

435 - Palácio do Governo.

436 - Rua com prédios modernos.

437 - Linda moradia particular.

438 - A Sé Catedral e o seu bonito jardim.

CABINDA

O seu nome original era "Tchowa", "Tchiona" ou "Tchimuisi" (esta era uma sereia que habitava nos arredores da cidade. Também foi conhecida por "Porto Rico" ou "Vila Amélia".

Em 1838 – Recuperação do Porto de Cabinda para evitar o tráfico de escravos que estava em grande evolução.

1842 – Navios ingleses atacam Cabinda queimando, destruindo e saqueando tudo.

1846 – A Inglaterra põe em dúvida a posse de Cabinda pelos portugueses.

1854 – Os inglese negoceiam com o 8.º rei de Cabinda pelo que o Conselho Ultramarino manda proceder a uma ocupação efectiva.

O rei de Cabinda, capitão Mani Polo, manda uma embaixada a Luanda que foi recebida com bastante entusiasmo.

1856 – Proibição da escravatura ao longo da costa angolana, incluindo o território de Cabinda. No ano seguinte, Manuel Puna e Francisco Franque, de Cabinda, recebem títulos honoríficos concedidos pelo Governo de Portugal.

Em 1864, o cientista José Maria Anchieta faz explorações em Cabinda e Loango.

Alguns anos mais tarde, 1868, Manuel Puna solicita a ida dos seus dois filhos para continuarem os seus estudos em Portugal. Seguiram no vapor "Quanza" e foram instalados no Colégio Académico de Lisboa. Entretanto a canhoneira portuguesa "Rio Minho" deslocara-se a Cabinda para os levar para Luanda!

1871 – Manuel J. Puna recebeu o título vitalício de Barão de Cabinda.

Em 1873 alguns barcos ingleses instalados em Cabinda foram obrigados a sair. Dois anos depois faleceu D. Francisco Franque, coronel honorário do Exército Português. A Associação Alemã, em Carmona desde 1873, termina a sua duvidosa missão.

1877 – Agosto – Serpa Pinto contacta Stanley em Cabinda. Regressam a Luanda com toda a comitiva para receberem Roberto Ivens.

1880 – Outubro – Assinatura do Tratado do Pardo acerca de Cabinda e Molembo. Em Novembro aconteceu o naufrágio do caíque "Passe Licença" verificado no mar de Cabinda, talvez provocado e tendo sido morto o mestre da embarcação, Botelho.

Em Outubro de 1882 foi assinado um Tratado de Paz entre os príncipes de Cabinda e os portugueses. No entanto, no ano seguinte os franceses atacam Cabinda como represália pela assinatura desse Tratado!

1884 – Junho – O governo inglês, sob pressão de Bismark, denuncia o Tratado com Portugal. Os ingleses tentam proibir os portugueses de ocuparem territórios entre o Ambriz e Cabinda. A Conferência de Berlim" partilha África entre vários países mas reconhecem a posse de Portugal sobre Cabinda e Cacombo. Assim só resta a Portugal essa posse ao norte do Zaire!

1885 – 1 Fevereiro – Assinatura do "Tratado de Simulambuco".

1885 – Julho – Foi criado o distrito do Congo que então abrangia o território de Cabinda. No ano seguinte alguns navios portugueses, sob orientação de Serpa Pimentel, avançam para Cabinda afim de negociarem com chefes nativos, contrariando a Conferência de Berlim, tanto a norte como ao sul do Zaire.

Em 1883 deu-se a formação do povoado que ficou instalado na baía com um porto favorável à navegação e comércio.

1956 – 28 Maio – O Despacho Legislativo n.º 2.757, eleva Cabinda a cidade.

Fauna da região (Maiombe): chimpanzé, gorila, papagaios.

439 - Vista geral da cidade e da praia.

440 - Passagem da fronteira com o Zaire de uma carrinha francesa saudada por militares portugueses.

441 - Outro Posto de Fronteira.

442 - Jean Charles e o filho Olivier na vila de Buco-Zau.

443 - A estrada que dá acesso à cidade de Cabinda.

444- Vivenda na cidade de Cabinda.

445

445-446 - Igreja e crucifixo.

446

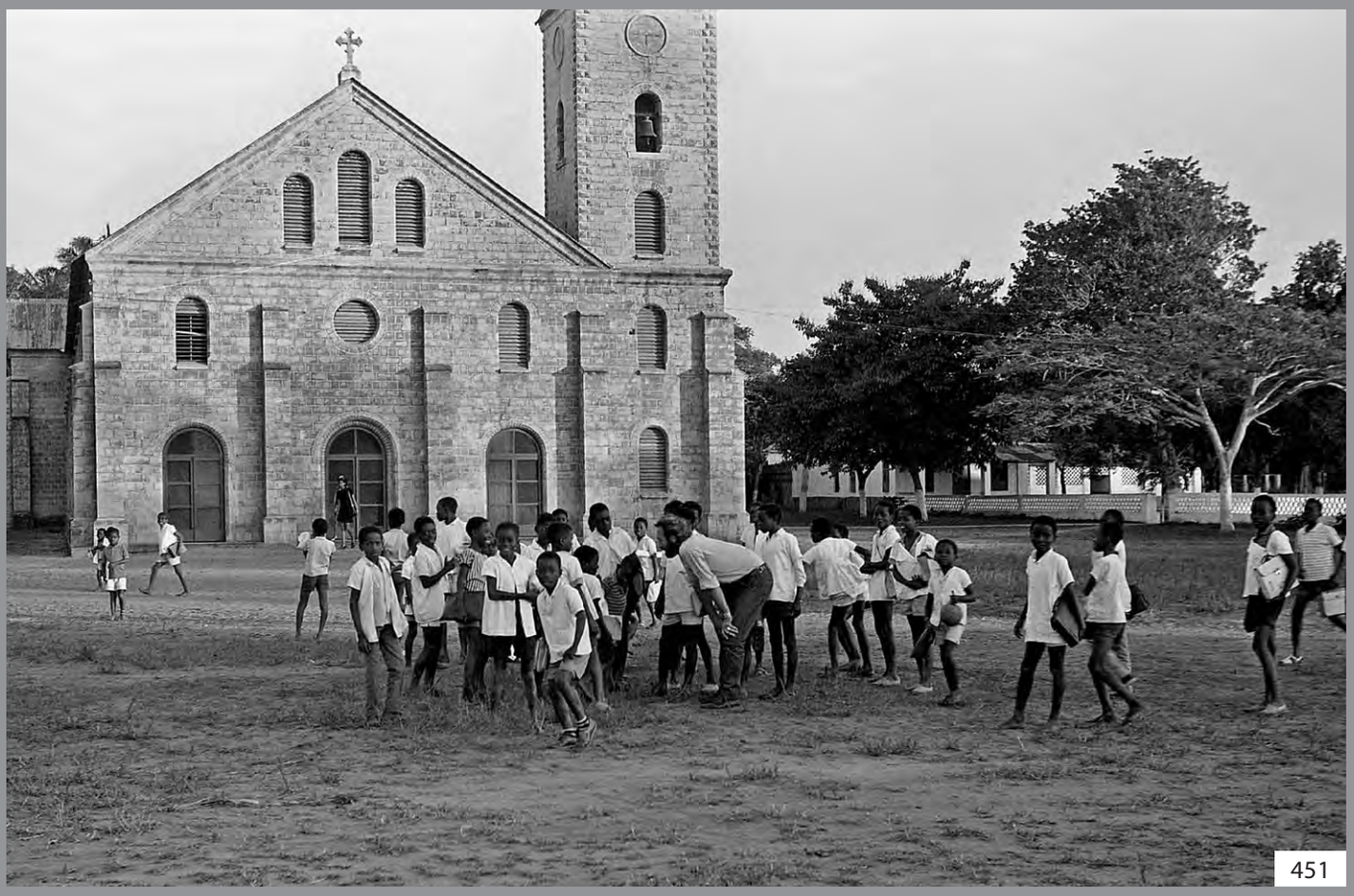
447

447 - Vitral de uma igreja de Cabinda, fabricado em Grenoble – França.

448

448 a 450 - À saída da missa, Igreja e Monumento ao Povo de Belize.

449

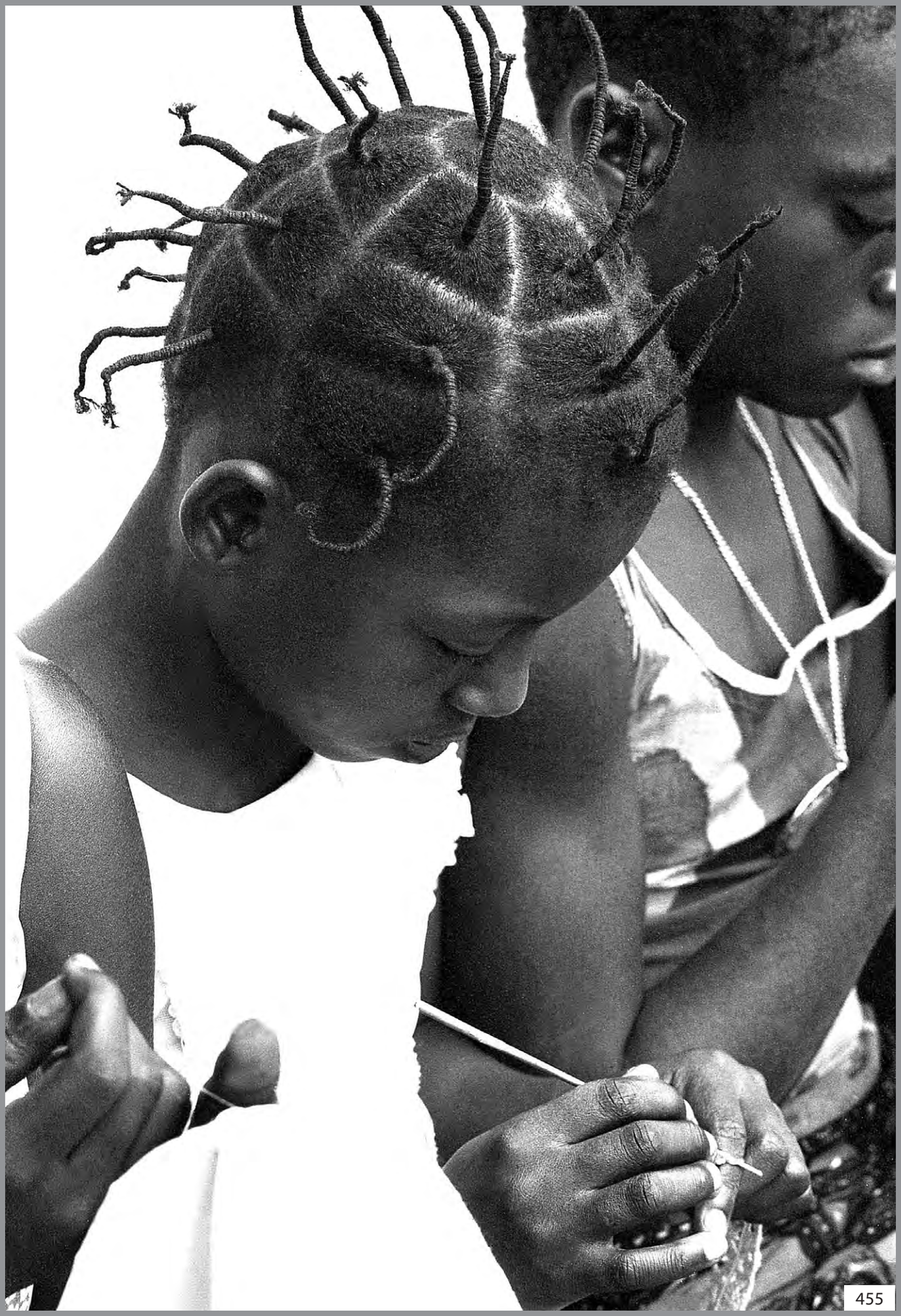


451 - Kosta com um grupo de alunos de uma Missão.

452 - Crianças de uma escola e educadores na hora do recreio.

453 - Alunos aprendendo as suas lições.

454 - Alunos da Escola de Artes e Ofícios.



455 a 461 - Meninas da mesma escola aprendendo a fazer renda e crochet.

456

457

458

459

460

461

462

463

462 a 464 - Cianças e educadores na hora do recreio.

464

465 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Mundo.

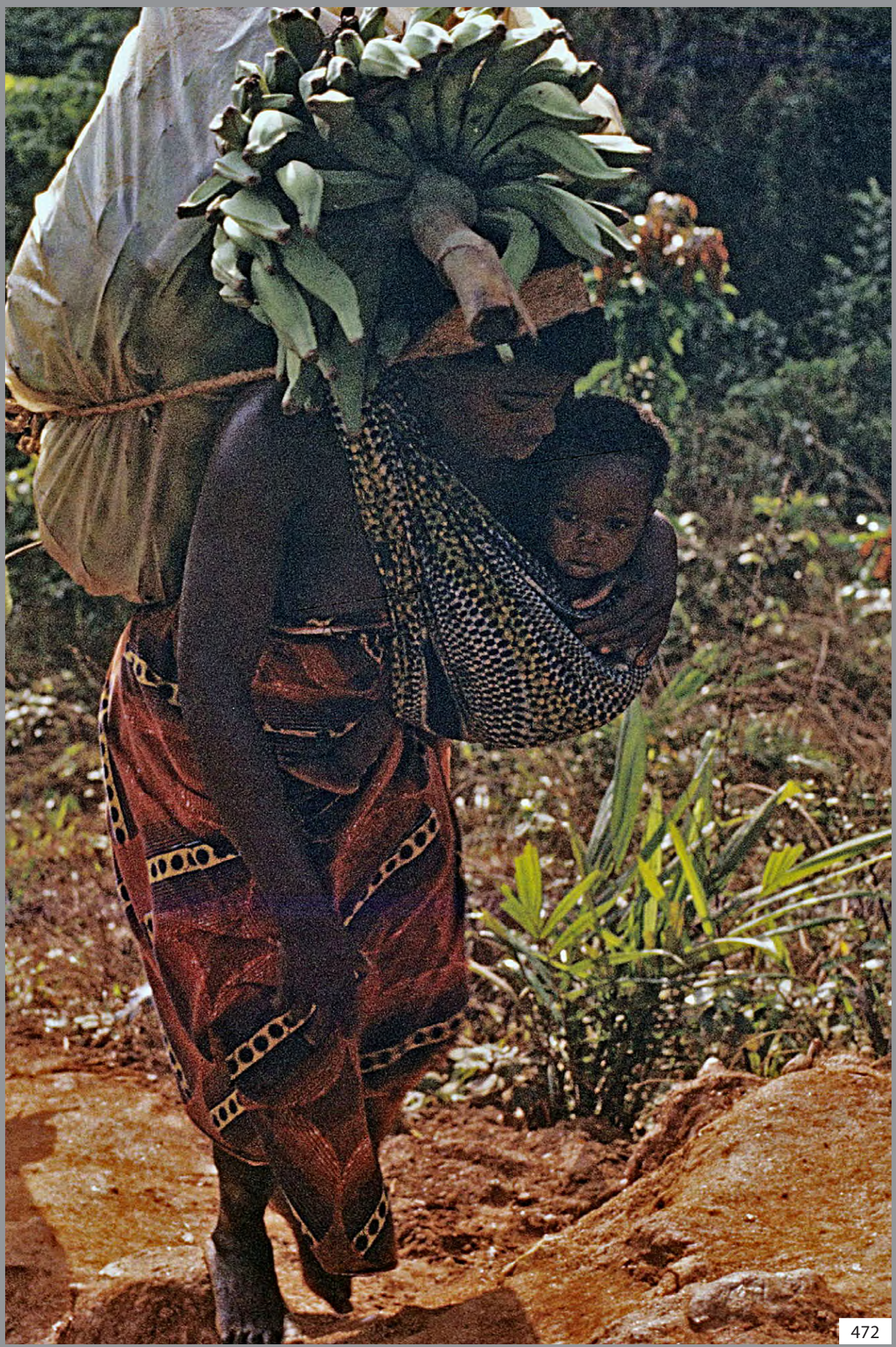
466 - Novo Cinema na cidade.

467 - Mercado ao ar livre vendo-se sobretudo a venda de bananas uma das bases da alimentação de Cabinda.

468 - Uma vivenda da Cidade.

469 - Uma paragem para fotografar e filmar um rio e uma povoação em Cabinda.

470-471 - A cidade e o porto de Cabinda.



472 - Esta mulher leva um filho nos braços e uma enorme carga de bananas ás costas.

473 - Lavadeiras lavando as suas roupas num riacho.

474-475 - Um aspecto da floresta do Maiombe ao longe avista-se uma pequena povoação.

475

IGREJA DE S. SALVADOR

476 a 478 - Ruínas da mais antiga Igreja do Himisfério Sul,
S. Salvador e o cemitério no Norte de Angola.

476

477

478

DUNDO

A cidade foi fundada pela Empresa Nacional de Diamantes (ENDIAMA).

Em 1912 registou-se a descoberta de diamantes num afluente do rio Cassai (zona de exploração de Lucapa) e foi criada uma outra empresa: "Pesquisas Mineiras de Angola" (PEMA).

Cinco anos depois constituíram a "Diamang" com capitais de vários países: …"português, belga, francês e americano"… conseguindo um contrato fabuloso que favorecia a dita Sociedade com exclusivos em todo o território angolano, beneficiando de escandalosas isenções em qualquer actividade comercial e em toda a sua área de exploração! Ainda por cima o Estado Português tinha a "obrigação" de fornecer a necessária mão-de-obra, ficando porém a seu cargo a respectiva assistência médica e o ensino básico, tudo isso a troco de 40% dos lucros anuais da Companhia, o que posteriormente foram elevados para 50%.

A efectiva exploração foi iniciada em Chissanda (1918), manualmente, durante cerca de 10 anos e com apenas uma vintena de empregados europeus, alguns doutros países e uns dois mil indígenas.

1921 – Em Setembro foi regularizada a situação militar e social na zona diamantífera (Saurimo), após a derrota do soba Calendende e outros seus parceiros. O Governo autorizou então que a sede da Diamang fosse transferida para o Dundo. Foi importante o apoio e colaboração dos Quiocos. Assim terminava o "Reino da Lunda".

Em Abril de 1931, por Portaria Provincial n.º 753, foi anulada a classificação de "povoação" atribuída ao Dundo, por estar situada na zona da "Diamang"!

O Museu do Dundo "Diamang") foi instalado em 1936.

Em 1960 estavam ao serviço da referida Companhia cerca de 600 "brancos" e 25 mil indígenas, tendo então uma produção já bastante levada, superior a um milhão de quilates! Possuía nessa época diversos hospitais, maternidades, dispensários, enfermarias e uma centena de postos de socorros. Porem as visitas, mesmo de familiares, tinham de ser autorizadas por Lisboa!

Os seus empregados e famílias gozavam desses direitos de assistência, de habitação, de alimentação em toda a sua vasta área em exploração (1.025.000 km/^{2}, desde 1920), sendo depois reduzida para 50 mil Km/^{2}. Para compensar formaram então a "Condiama"

com uma área de exploração de 500 mil km^2. A Companhia executava constantes e alargadas campanhas sanitárias e de prevenção contra certas epidemias, bem como para a sua segurança pessoal. Essa permanente e válida assistência social conseguiu manter o seu bom nível mesmo perante as perigosas intenções de outros países vizinhos. O seu Director dos Serviços de Saúde, José Henriques Santos David, manteve-se ali durante uma década, tendo conseguido obter um bom controle sobre a doença da lepra.

Os seus trabalhadores indígenas eram oriundos de variadas zonas, tais como: Bângalas, Cacongos, Lundas, Matabas, Minungos, Quiocos, Xingues.

Em 1947 existiam na Lunda 17 mil trabalhadores angolanos. Apesar de todas as condições de que beneficiavam, existia um clima discriminatório quanto às suas origens, raças e mesmo nas suas instalações pessoais. Todos os seus empregados estavam sujeitos a um completo e rigoroso sistema de segurança e de fiscalização, em especial na "Central de Escolha". Nem só os diamantes sofriam uma rigorosa selecção, como até os empregados, em relação aos técnicos mais classificados.

No capítulo do Ensino possuíam boas instalações no Liceu e na Escola Secundária ("Portugália"). No Desporto: existiam diversos clubes onde praticavam: voleibol, futebol, hóquei em patins, etc…

Locais com interesse: Casa do Pessoal da DIAMANG, Estufa Fria, Jardim do Coreto, Jardim dos Macacos, Monumento ao Comandante Ernesto Vilhena, Monumento das "Descobertas" (baptizado de "Supositório") – Rua das Mangueiras.

AO COMANDANTE ERNESTO DE VILHENA
HOMENAGEM DA COMPANHIA DE DIAMANTES DE

479 - Monumento dedicado ao Comandante Ernesto Vilhena.

480 - A avioneta que transporta os diamantes para Luanda.

481 - Distinção e elegância na sala e nos empregados.

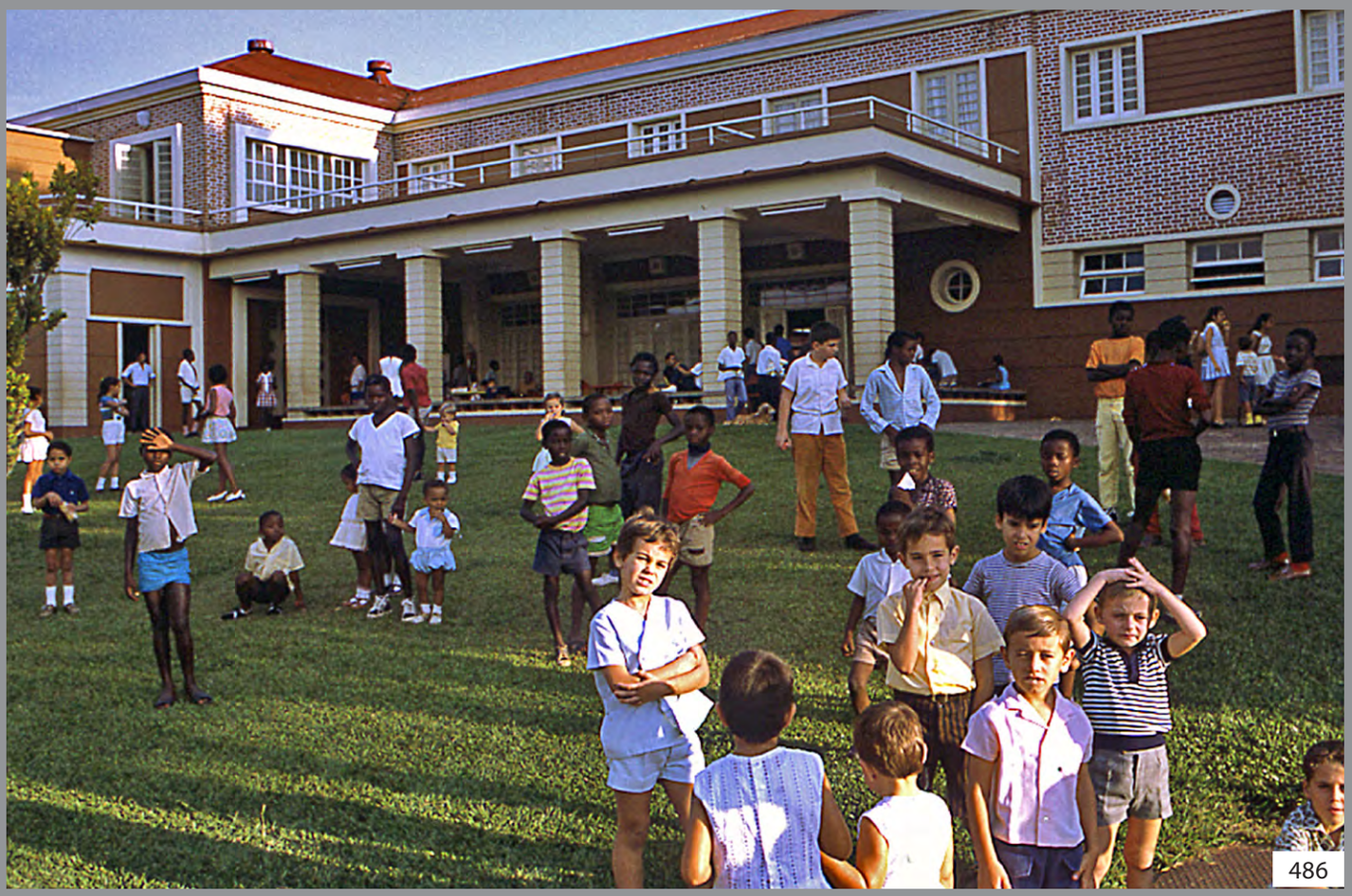
482 - Casa para atendimento dos visitantes.

483 - Residência dos funcionários da Diamang.

484

484-485 - Hipismo femenino.

485

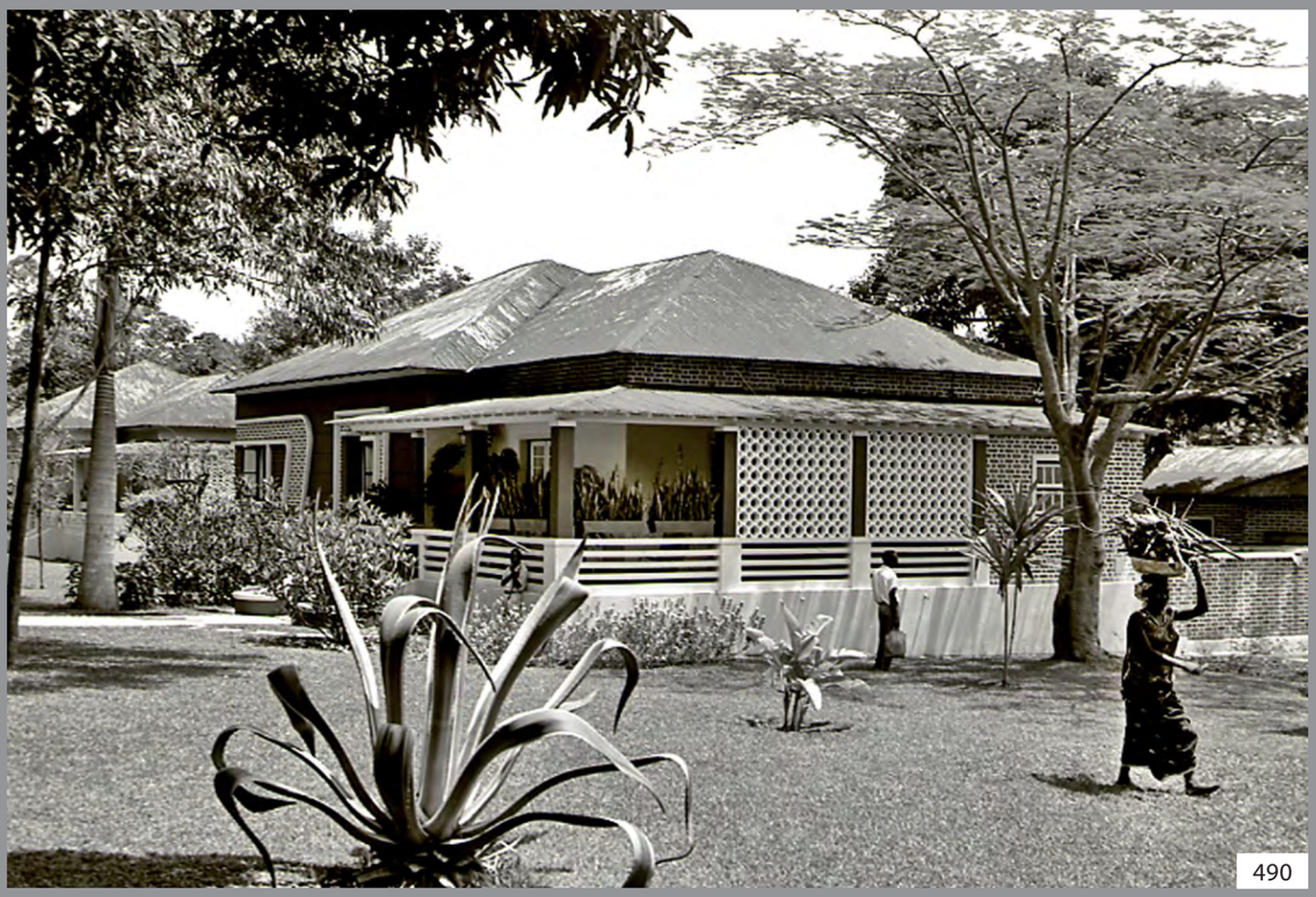


486 - Alunos num intervalo.

487 - A hora da saída dos estudantes.

488 - Desfile das milícias da Diamang.

489 - Barragem e central elétrica.



490 - Residências dos funcionários da Diamang.

491 - Habitação indígena com suas pinturas características.

492-493 - Aldeia com as suas originais habitações.

493

494

494-495 - Assistência médica Hospitalar com equipamentos super modernos para todo o pessoal da Diamang.

496-497 - Assistência médica popular ao ar livre.

497

LUSO

O Moxico é um grande distrito do leste de Angola, ocupado pelos portugueses em fins do século XIX.

O prolongamento do Caminho de Ferro de Benguela até à fronteira do Dilolo e a necessidade de se escoarem os minérios do Katanga (cobre) ao longo da linha férrea, foram criando povoações, A povoação de Luena foi uma delas. Este nome vem da serra e do rio assim denominados.

No distrito vivem vários grupos étnicos: Luena, Kôkue, Lovale-Kimbundu, Bundas, Luchazes e Lunda-Dembo.

O alferes Macedo e Couto foi comandar a Fortaleza Ferreira de Almeida, no Moxico, em Fevereiro de 1896.

O comandante da Colónia Penal do Moxico, protesta em Março de 1898, por causa da intervenção do residente britânico no Barotze, contra a portuguesa.

Em Janeiro de 1899, alguns sobas do Moxico prestam vassalagem aos portugueses.

O tenente Artur De Morais, apoiado por elementos dos Dragões foi encarregado de auscultar a efectiva ocupação do Reino do Barotze e quais as relações que existiam entre o soba de Caquengue, sua mãe e o rei Lewanica, em 1903.

Do mesmo modo, e na mesma altura, o capitão-mor do Moxico, Fonseca Cardoso, conseguiu a pacificação dos Luchazes com os Quiocos que apoiavam os portugueses.

Em Setembro desse ano, morre o soba de Caquengue E Fonseca Cardoso interfere na eleição do novo soba, contrariando Lewanica que era apoiado pelos ingleses.

Em Maio de 1905 ficaram definidas as fronteiras do Barotze com Angola, mas só um ano depois houve uma reunião das potências interessadas nos territórios africanos, que confirmaram a separação do Barotze e a legalidade dos territórios do "Mapa Cor-De-Rosa" o que veio descontentar a INGLATERRA.

Em Julho desse ano, o Governador-geral, Ferreira Da Costa, mandou criar novos postos no Moxico para melhor ocupação do território e elevou-o a distrito.

Em 1918 a capital do Moxico passa a ser VILA Luso, tendo sido transferida a sede do distrito do Moxico Velho onde estava instalada, para o local onde se formou Vila Luso, em 25 de Fevereiro de 1922.

A cidade do Luso era servida por via férrea (Lobito-Dilolo, do CFB), via aérea e por rede viária. Apresentava várias ruas com bastantes habitações modernas, jardins, casas

comerciais, mercado municipal, estação do CFB, hospital e maternidade, cinema, hotéis, restaurantes e bares…

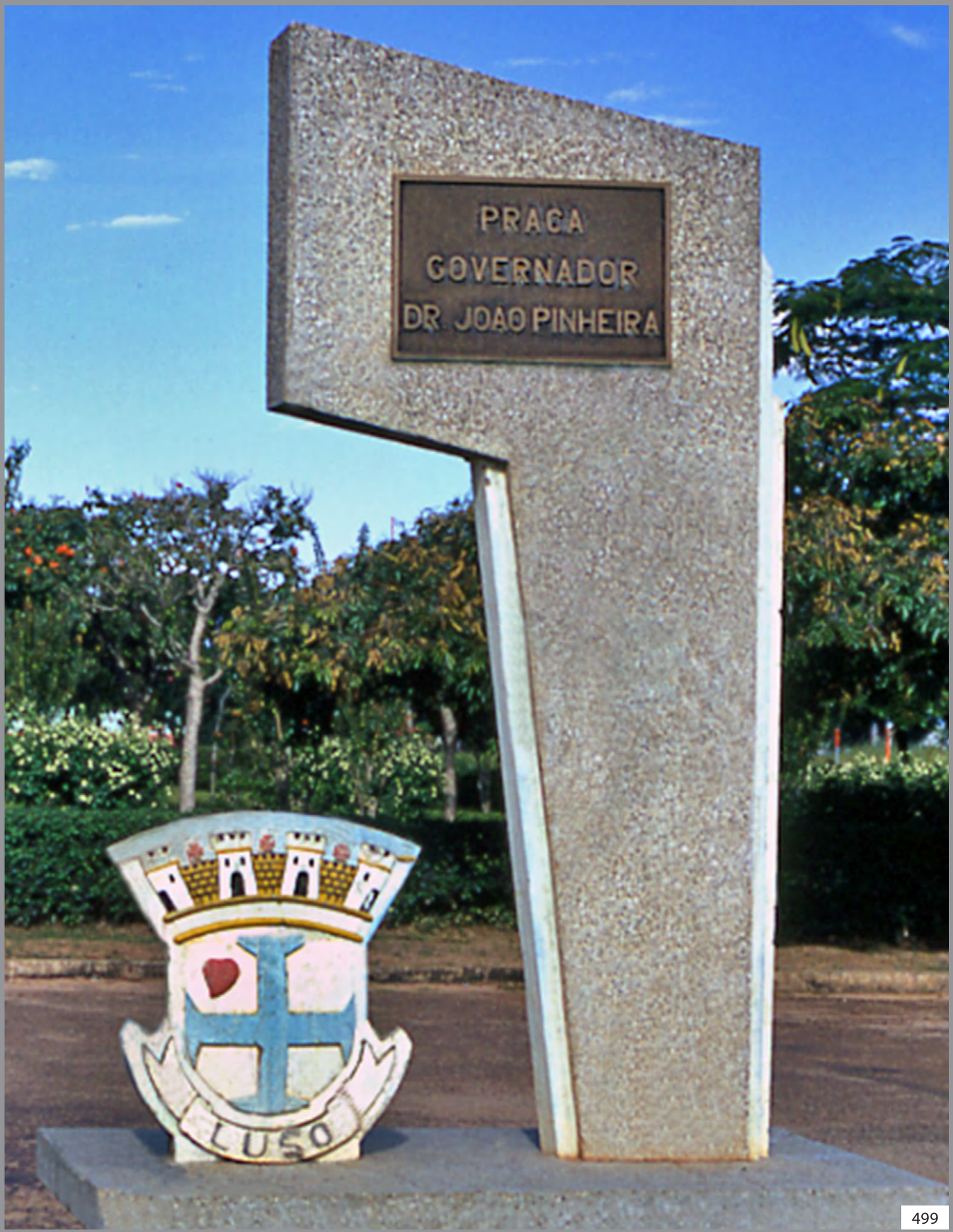
Havia igualmente: o Rádio Provincial do Moxico e o Clube Ferrovia.

A sua população escolar frequentava as escolas primárias, o Colégio S. Bento, a Escola Preparatória "Gonçalves Crespo", Escola Industrial e Comercial "D. António de Almeida", o Liceu "Marcelo Caetano", Escola Elementar e Profissional de Artes e Ofícios "Almeida Santos", e Escola de Habilitação de Professor de Posto D. António Ildefonso".

No Moxico existia a reserva Florestal do "Luena" com 1.800 km^2. Os principais produtos agrícolas cultivados na região, eram: a mandioca, o milho, batata, feijão, arroz. Tabaco… Os principais minerais são: carvão, cobre, manganês, ferro.

498 - Jardim do Palácio do Comércio do Luso,um grupo de 4 amigas.

498



499 - Praça em homenagem ao Governador Dr. João Pinheira.

500 - Alunas numa aula sendo o professor um padre negro.

501 - Alunos do Liceu à saída das aulas.

502 - A instrução é importante, vista do Liceu.

503 - Uma aula de trabalhos manuais.

504-505 - Creche aberta pelas Irmãs Missionárias de Maria,
as cianças na hora do pequeno- almoço.

505

506

507

506-507 - As crianças cantando e dançando numa roda.

SILVA PORTO

O padre Gonçalo Da Silveira foi o primeiro português a chegar ao Bié em 1561, instalando-se no lugar onde existe a Embala.

Em 1771 foi fundada uma povoação que foi chamada de Amarante e, no ano seguinte, foi nomeado como primeiro capitão-mor do Bié Joaquim Rodrigues que ficou a viver no mesmo lugar da Embala.

O Reinodo Bié foi dissolvido a seguir à morte do soba Chiraúlo em 1774.

Na Capitania do Bié, na povoação de Amarante, construiu-se a Igreja de S. Gonçalo, em 1778.

Foi nomeado o major de 2.ª linha, Francisco José Coimbra, mestiço que era natural de Caconda, em 1838, capitão-mór do Bié que acumulava com a chefia da Capitania de Benguela.

António Ferreira da Silva, que por ser natural do Porto, se denominou Silva Porto, tendo chegado do Brasil para onde fora com 12 anos, seguiu para o Bié em Abril de 1839, integrado numa caravana e fixa-se ali na Embala de Delmonte, começando desde então a fazer as suas viagens de negócios acompanhado pelos seus pombeiros.

No ano de 1843 o Governador-geral encarregou Rodrigues Graça de explorar o sertão do Bié.

Em 1880 foi Silva Porto nomeado capitão mor do Bié.

À povoação que mais tarde foi baptizada com o nome desse sertanejo, chamou-se Kuito e em 1890 era a capital do Bié.

Este concelho, dependente do distrito de Benguela, foi fundado em 1902.

A Câmara Municipal de Silva Porto foi fundada em 1922 e em 4 de Maio desse mesmo ano, por Decreto nº 134 passou a ser sede de distrito.

A inauguração dum novo troço da linha férrea do CFB, entre o Chinguar e Silva Porto-Gare, com grandes festejos, ocorreu em 31 de Janeiro de 1934 e deu origem à fundação dessa povoação.

Em 31 de Agosto de 1925 Silva Porto ascendeu a cidade e, em 31 de Maio de 1940, foi criada a Diocese de Silva Porto e a Igreja de S. Lourenço, ali existente, foi promovida a Catedral.

Por Portaria 8904, de 19 de Fevereiro de 1955, é extinta a Província do Bié, que foi substituída pelo Distrito do Bié-Cuando-Cubango.

E nessa região que nascem muitos dos principais rios de Angola. Com situação num planalto a altitude média é mil metros, o clima é temperado.

Ali existem 4 grupos étnicos principais de origem Bantu: Quibalas, Songos, Bailundos e Bienos.

Uma cidade com ruas bem marcadas, com uma Praça muito bem estruturada onde existiam os belos edifícios da Administração do Concelho, Banco de Angola e da Câmara Municipal, além de estátuas ornamentais na Praça "Marcelo Caetano", sendo a mais conhecida a "Ana Maria" e piscina. Havia também: Hospital, Estação de Rádio, Cinema, Parque Infantil "António Fonseca Santos".

A sua juventude podia estudar nas Escolas primárias, nos Colégios (masculino e feminino), Escola Comercial e Industrial "João De Almeida", Escola Preparatória "Silva Porto", no Liceu "Silva Cunha", Escola do Magistério Primário "João De Deus", e na Escola Elementar Profissional de Artes e Ofícios "Paixão Barradas".

Na Embala de Belmonte existia uma museu etnográfico e um obelisco em memória do seu fundador.

A agricultura foi o principal factor do seu desenvolvimento, produzindo: citrinos, arroz, café arábica, mandioca, girassol, sisal, banana, amendoim.

Os principais minérios ali encontrados são: de ferro, magnésio e minerais rádio activos.

508 - Praça Marcelo Caetano, Banco de Angola, monumento a Silva Porto e ... os dois amigos.

509 - Monumento à travessia da África em homenagem a Silva Porto e... as 3 meninas.

510 - Doceiro ambulante com os seus pequenos clientes.

511 - Praça Marcelo Caetano, Banco de Angola, Câmara e Monumento a Silva Porto.

512 - Obelisco dedicado ao Dr. Oliveira Salazar...
«Para Angola rapidamente e em Força»...

513 - Obelisco em homenagem a Silva Porto.

514 - Avenida principal de Silva Porto.

515 - A pequena Sereia e o Banco de Angola.

516 a 520 - Algumas vistas da linda Praça Marcelo Caetano e as suas pequenas Sereias.

518

519

520

521 - Outra vista da Cidade.

522 - O Museu na Embala dedicado a Silva Porto.

523

523 - O retrato de Silva Porto e as Bandeiras Portuguesas no interior do Museu.

524

525

524-525 - A Embala de Belmonte e o obelisco dedicado à memória de Silva Porto.

NOVA LISBOA

1912 – Entra em exploração o troço da linha férrea entre Lépi/Huambo (km 426).

Em 21 de Setembro foi a inauguração da povoação "Cidade Do Huambo" e da Estação, em Nova Lisboa, do Caminho de Ferro de Benguela (CFB).

1925 – 29 Maio – Pela Portaria Provincial n.º 68 foram reservados terrenos para o CFB.

1926 – 15 Março – Fundação da Câmara Municipal de Nova Lisboa. Em Abril do ano seguinte, Vicente Ferreira tenta mudar a capital de Angola para Nova Lisboa.

Em 1 de Setembro de 1928 e pelo Decreto n.º 15.917, Nova Lisboa foi efectivamente elevada a capital de Angola. Depois, em Novembro, faz entrega do seu cargo a Damas Mora.

1929 – 8 Outubro – P.P. n.º 481 – Regula a concessão de terrenos em Nova Lisboa.

1930 – Março – O Alto-Comissário Filomeno da Câmara manda prender diversas personalidades residentes em Nova Lisboa.

No ano seguinte foi efectuada a transferência das Oficinas Gerais do CFB para a cidade de Nova Lisboa. Em Outubro verificou-se a criação da "Biblioteca de Educação" e em Dezembro do Sport Lisboa e Huambo.

1932 – Em Março foi criada a Comarca de Nova Lisboa e em Agosto a "Comissão de Terras".

1933 – Agosto – Fundação da "Mutualidade de Angola", com sede nessa mesma cidade e, em Novembro do ano seguinte, foi declarado de "utilidade pública" o Colégio "Alexandre Herculano", enquanto fora criado o Parque Municipal.

No capítulo religioso, em 1936, foi fundada a Missão do Cuando.

1938 – Setembro – A P.M. n.º 11 cria a Divisão dos Transportes Aéreos dos Caminhos de Ferro de Angola (DTA). Com sede em Nova Lisboa. No ano seguinte (Março) a "Mutualidade de Angola" foi considerada de "utilidade pública" (P.P. n.º 2959).

1940 – Maio – Foi criada a Diocese de Nova Lisboa e, durante o ano de 1942, registou-se a fundação da Missão de Nova Lisboa.

No ano seguinte verificaram-se várias iniciativas oficiais, tais como: a criação do Laboratório de Análises Clínicas junto do Hospital e a fundação do Rádio Clube do Huambo.

Algum tempo depois a "Estação de Melhoramentos de Plantas" do Cuima foi transferida para a Tchianga (Nova Lisboa).

1945 – Abril – Transferência da "Escola de Quadros Militares" – (EQM) do Bailundo para Nova Lisboa. Foi criada a Delegação Aduaneira de Nova Lisboa.

1948 – Março – 10 – D.L. n.º 2.028 – Cria a Comissão Foral de Nova Lisboa. Foram aprovados os Estatutos do Grémio Distrital. A direcção do Internato "Artur De Paiva" passa para as Irmãs de S. José de Cluny.

1949 – 16 Março – Foi ampliado o Foral da cidade. No ano seguinte a sua população era de 4.756 indivíduos (a 3.ª da Província).

Em 1951 (Fevereiro), Leopoldo Gentil terminou a sua comissão municipal em Nova Lisboa. Foi criada a Missão da Camunda.

Em Julho de 1952 teve lugar a criação da Secção de Colonização de Nova Lisboa para apoio à instalação do Colonato da Cela.

1954 – Junho – Foram concedidos às principais cidades de Angola o …"escudo de armas, bandeira e selo"…

1955 – 15 Agosto – Inauguração da "Casa dos Rapazes do Huambo", por iniciativa e com orientação do Padre António Maria Ferreira.

Em 1956 regista-se a criação do Liceu de Nova Liboa (e o de Benguela) e foi novamente ampliado o Foral da cidade.

1959 – Maio – Teve início uma nova comissão de Sousa Gentil na Presidência da Câmara Municipal de Nova Lisboa.

1960 – O Censo da população da cidade registava 38.745 indivíduos.

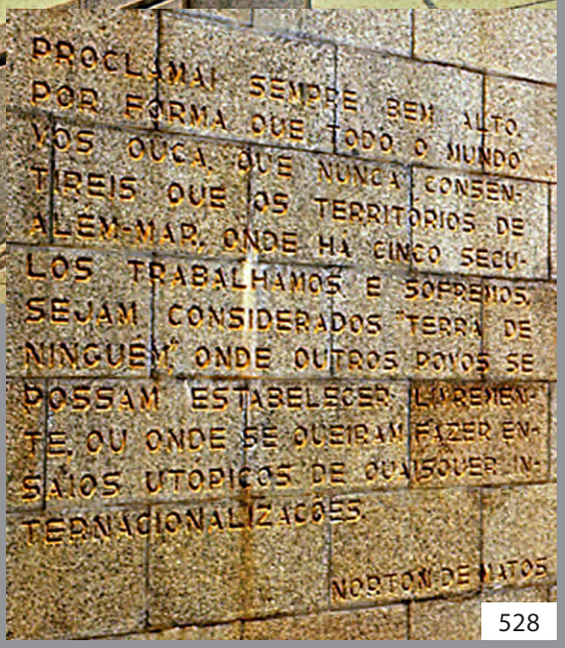
Entretanto verificou-se um razoável desenvolvimento citadino de carácter comercial, industrial, intelectual e desportivo, nomeadamente com diversas Associações e Clubes: Associação Académica do Huambo, Colégio "Alexandre Herculano", Colégio Ateniense, Escola "Conde de Ficalho", Movimento Democrático do Huambo (com o Dr. David Bernardino, popularmente apelidado por "Dr. Kamanga"), Associação Angolana do Ambiente, Escola Industrial e Comercial "Sarmento Rodrigues", Instituto Industrial, Liceu "Norton de Matos", Cine-Teatro Ruacaná e nos diversos clubes da cidade, Sporting, Ferrovia, Atlético, Benfica.

Pontos turísticos: Estufa Fria, Forte da Quissala, Jardim Zoológico, Miradouro da Quissala – Pedra do Candumbo.

526 - Um aspecto da Praça Norton de Matos com os edifícios de: Fomento Rural, Geográficos Cadastrais, Cita e o edifício da Fazenda e Contabilidade.

526

527



528

527 a 532 - Na mesma Praça pormenores da estátua dedicada ao fundador da cidade, Norton de Matos.

529

530

531

532

533 - Passeio em família.

534-535 - Convívio com Professores de Posto.

535

536 - Imagem do Cine - Ruacaná, a Nova York e o Hotel Ruacaná.
No rés do chão: as Pastelarias Cambo e Ginga.

537 - Piscina do Clube desportivo Ferrovia.

538 - Igreja situada no Bairro de S. João.

539 - Uma esplanada numa rua da Cidade.

540 - Palácio do Governo na Praça Manuel Arriaga.

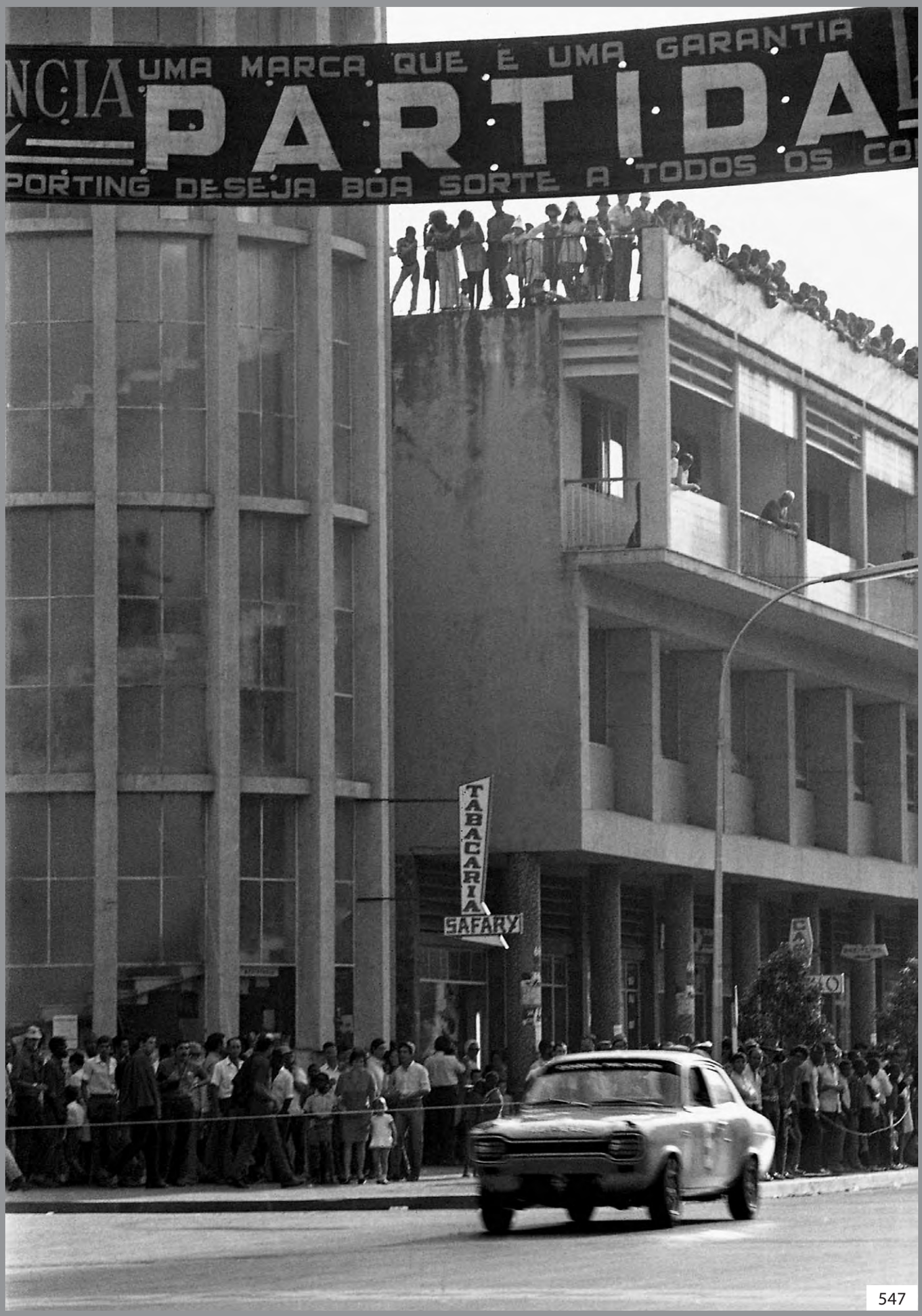
541 - Posto de abastecimento da Fina na rua principal da Cidade.

542 - Avenida 5 de Outubro.

543 - À sombra das frondosas árvores, alguns populares esperando o evento «As 6 horas de Nova Lisboa».

544 - Uma prova de Karting.

545-546 - Prova de corrida de fundo para os jovens.



547

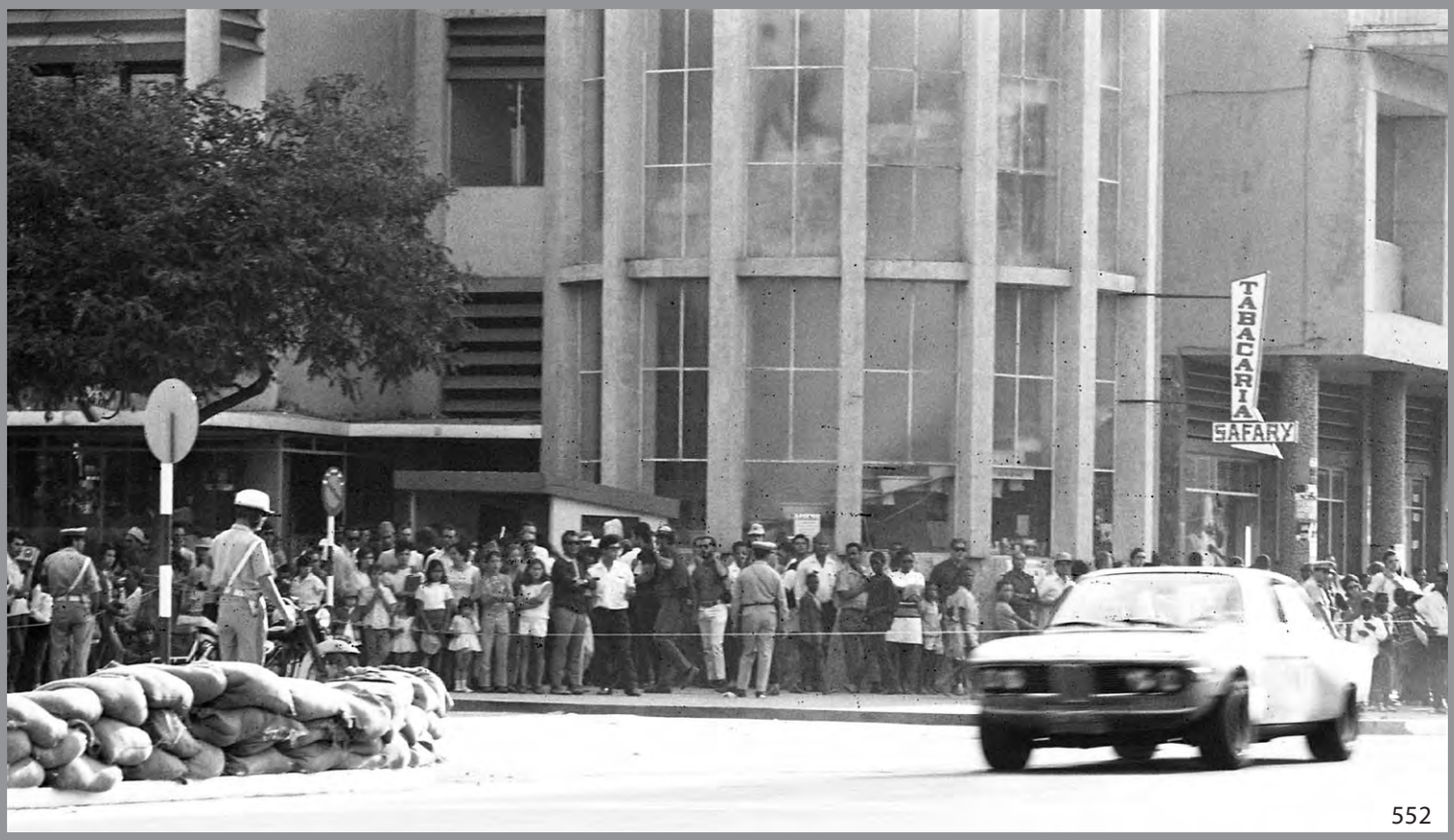
547 a 579 - Série de fotos das Provas «6 Horas de Nova Lisboa» com muito público.

548

549

550

551



552

553

554

555

556

557

558

559

560

561

562

563

564

auto
esporte
96
BRAHMA
COMPETIÇÃO
O GLOBO
BRAZILIAN NEWSPAPER
PECLENE
PLASTICOS

565

HOLME
8
BOSCH
DUNLOP
FERODO

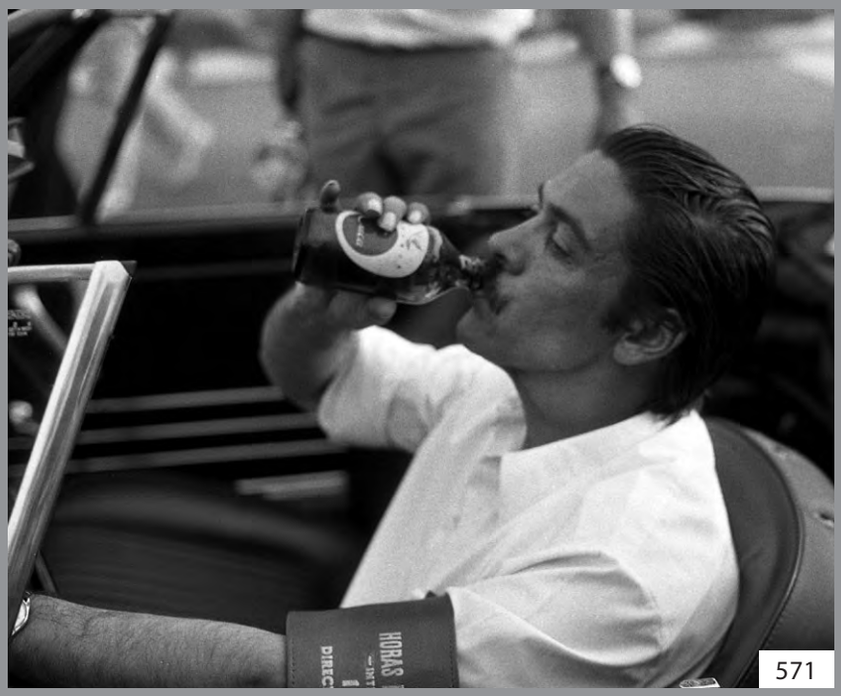
566

567

568

569

570



571

572

573

574

575

576

577

578

579

580 a 582 - Hotel - Restaurante do Alto Hama, o seu jardim piscina e sala de refeições.

582

581

ALTO HAMA

NOVO REDONDO

O tenente José Rodrigues, capitão-mor da Muchima, emissário do Governador Sousa Coutinho, e seus homens, em Janeiro de 1769, chegaram a uma baía próximo do rio Longa e fundaram o Presídio N'gunza-Cabolo e uma povoação que denominaram Novo Redondo, homenageando o conde de Redondo.

Aí edificaram a Igreja de Nossa Senhora da Conceição que não era de construção definitiva e onde passou a funcionar uma paróquia comum sacerdote que era degredado.

Em 1801 apresentava-se muito arruinada pelo que foi reconstruída e o Bispo de Luanda enviou um pároco, Joaquim Pereira Leal, que a benzeu e ali se instalou. O clima era doentio pelo que a população era apenas constituída por 1.500 habitantes, dos quais só 50 eram europeus.

Dedicavam-se ao cultivo do algodão, da cana sacarina e ao fabrico de álcool. Na região também se produzia café, principalmente no Amboim.

No segundo centenário da fundação da cidade, 1969, porque a população havia aumentado muito, construiu-se e inaugurou-se uma nova igreja que foi elevada a Catedral da Diocese de Novo Redondo.

Também é sede do distrito do Cuanza Sul. É uma cidade com modernas construções e ruas largas.

No seu porto marítimo com uma ponte cais metálica, com 200 metros, aportam batelões e barcos de pesca.

O café cultivado nas excelentes fazendas da região é por ali transportado. Com ligação aérea para o Lobito e Luanda, possuiu um bom Aeroporto.

Existem, a 10 quilómetros de Novo Redondo, umas furnas com estalactites e estalagmites de grandes dimensões.

583

583-584 - Novo Redondo, a Sé Catedral.

584

SÁ DA BANDEIRA

Em 1627 estabeleceram-se os primeiros contactos entre os portugueses e algumas tribos de Angola.

1769 – Foi criado o Presídio de Alva Nova.

1880 – Contactos com os Bóeres para a sua instalação na Humpata.

1884 – 18 de Outubro – Partida do navio "Índia" com "colonos" madeirenses destinados a Moçamedes e Huila.

1884 – 25 de Dezembro – Os "colonos" do "Índia", depois da chegada a Moçamedes, alcançaram o Planalto da Huila.

1885 – 19 de Janeiro – Instalaram-se junto ao rio Caculovar erguendo dois barracões, onde fundam uma "Colónia" e o local foi designado por "Barracões"

1885 – 18 de Junho – No "África" embarcaram mais colonos, totalizando assim 428 nesse ano.

1889 – A povoação do Lubango fora elevada a sede do concelho.

1891 – 15 de Janeiro – Reunião da primeira Câmara Municipal do Lubango, presidida por João Gonçalves de Azevedo.

1901 – 2 de Setembro – A povoação do Lubango foi elevada a vila (designada "Sá da Bandeira") e sede do então recém-criado distrito da Huíla em virtude do desmembramento do distrito de Moçamedes. Essa designação de "Sá da Bandeira", foi em homenagem ao seu patrono…

1923 – 31 de Maio – A vila de Sá da Bandeira foi elevada a cidade na altura em que a linha férrea chegava ao planalto da Huíla. Estava como objectivo principal a colonização dos concelhos: Chibia, Humpata, Huíla e Lubango.

Ensino – Escolas Primárias (n.º 60-61) e Secundárias, Liceu "Diogo Cão", Escola Industrial e Comercial "Artur De Paiva", Escola de Agronomia (Instituto Agrícola do Tchivinguiro – Estudos Gerais Universitários, Instituto Superior de Educação (ISCED).

Principais instalações e edifícios públicos e privados (por ordem alfabética): Aeródromo da Mucanca, Associação Comercial, Banco de Angola, Bombeiros Voluntários, Câmara Municipal, Casino da Senhora do Monte, Cine Arco Íris, Correios, Dispensário, Escola Industrial, Estação do Caminho de Ferro, Fábrica de Cerveja N'Gola, Fábrica de Refrigerantes, Fazenda e Contabilidade, Feira Popular, Governo do Distrito, Grande Hotel da Huíla (1941), Jardim Zoológico, Hospital Central (1970), Hotel Metrópole, Igreja (Sé Catedral), Monumento a Cristo-Rei, Palácio do Governo, Parque Infantil – Sede do Reino de Maconge...

No desporto salientava-se o futebol com diversos clubes e suas sedes, Benfica, Sporting, Futebol Clube, Juventude Huilana (depois Académica), também como outras modalidades que tiveram grande destaque, basquete feminino, óquei em patins, automobilismo, tiro, etc., etc..

Arruamentos e Praças: Rua Principal ("Picadeiro"), "Pinheiro Chagas", "Lobo das Neves", Praça dos Fundadores, Praça da República.

A agricultura e outras actividades económicas paralelas eram as razões que mais despertavam nessas zonas próximas dos rios com bons caudais, desenvolvendo-se em cereais, frutas, hortícolas, flore, aliadas à pecuária e à caça, já bastante numerosa.

Principais indústrias: cerâmica, curtumes, moagens, salsicharia, serração de madeiras.

Locais turísticos: Parque da "Senhora do Monte", Cristo-Rei (Ponta do Lubango), Tundavala, Cascatas (Hunguéria, Leba, Huíla, Bruco).

585- Sá da Bandeira, estátua do Cristo-Rei no alto da serra Lupolo.

586 - Azulejo da Capela da Igreja de Nossa Senhora do Monte.

588-589 - Um grupo de jovens raparigas, de todas as cores, brincando na piscina do Parque.

590 - A menina preta brincando com uma boneca branca...

591 - Vista geral da cidade de Sá da Bandeira.

591

592 a 594 - Três vistas do magnífico parque e piscina de Nossa Senhora do Monte.

595 a 597 - Vistas de algumas ruas da Cidade.

596

597

598

598-599 - Catedral da Cidade.

599

600 - Igreja.

601 - Uma outra vista da Cidade.

602 - Uma linda residência particular.

603 - Banco de Angola.

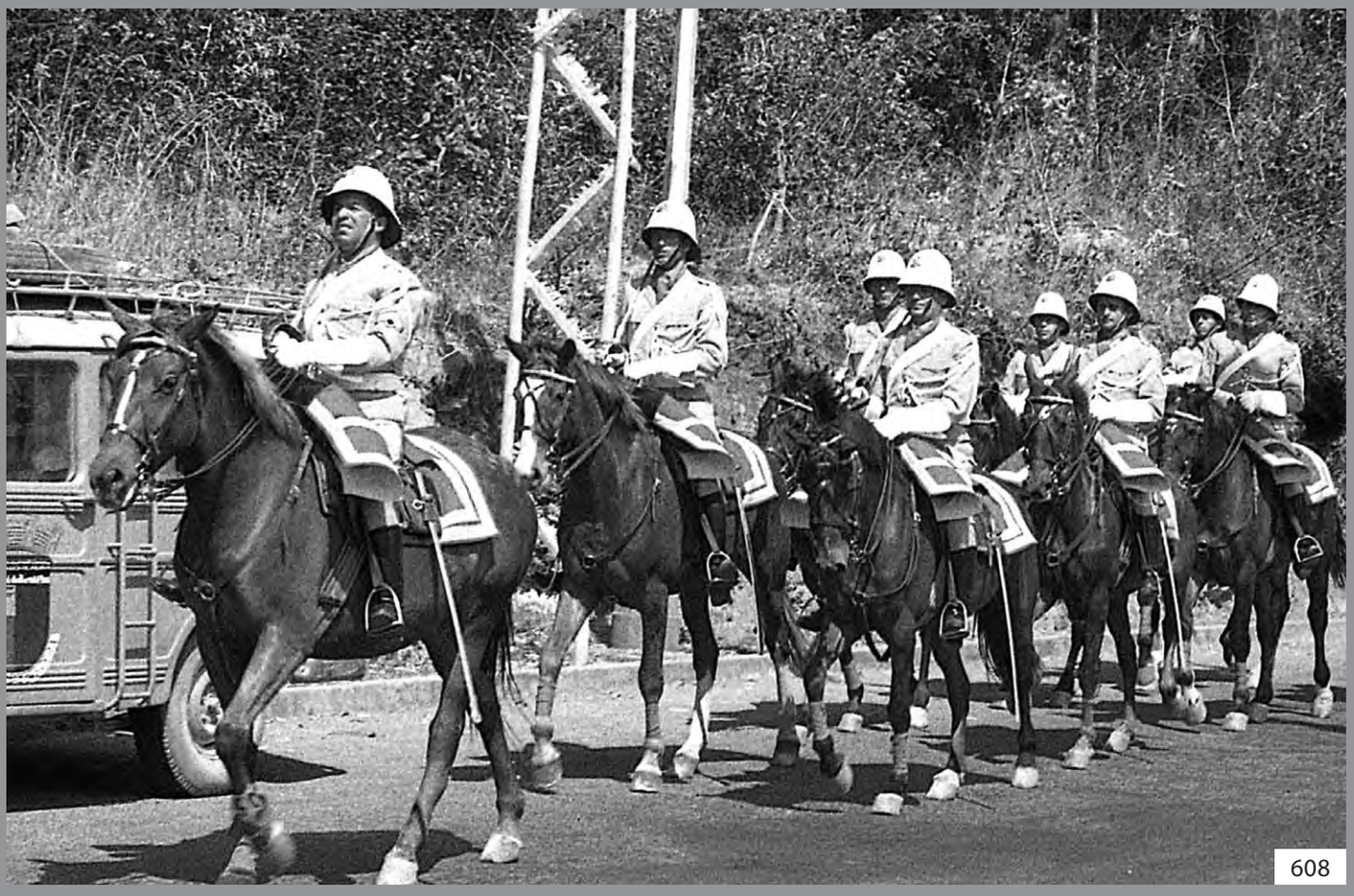
604 - Praça Coronel Artur de Paiva, estátua e Banco de Angola.

604

605 - Sinaleiro num cruzamento dirige o trânsito.

609 - Jardim da Cidade com a Catedral, Dispensário e Fazenda Pública.

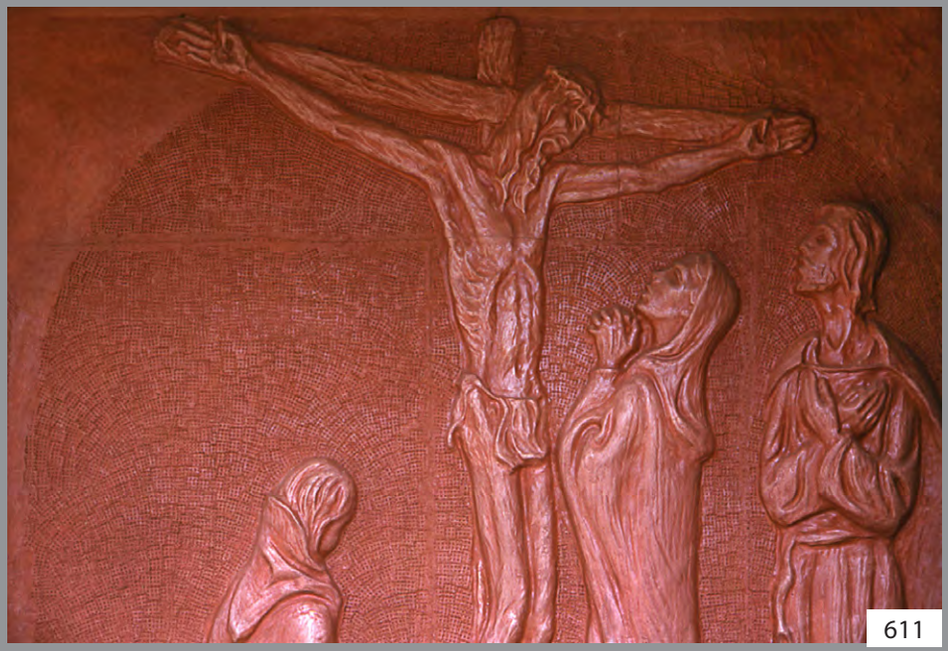
607- Vivendas particulares.



608 - Guarda Républicana a cavalo nos arredores da Cidade.

609

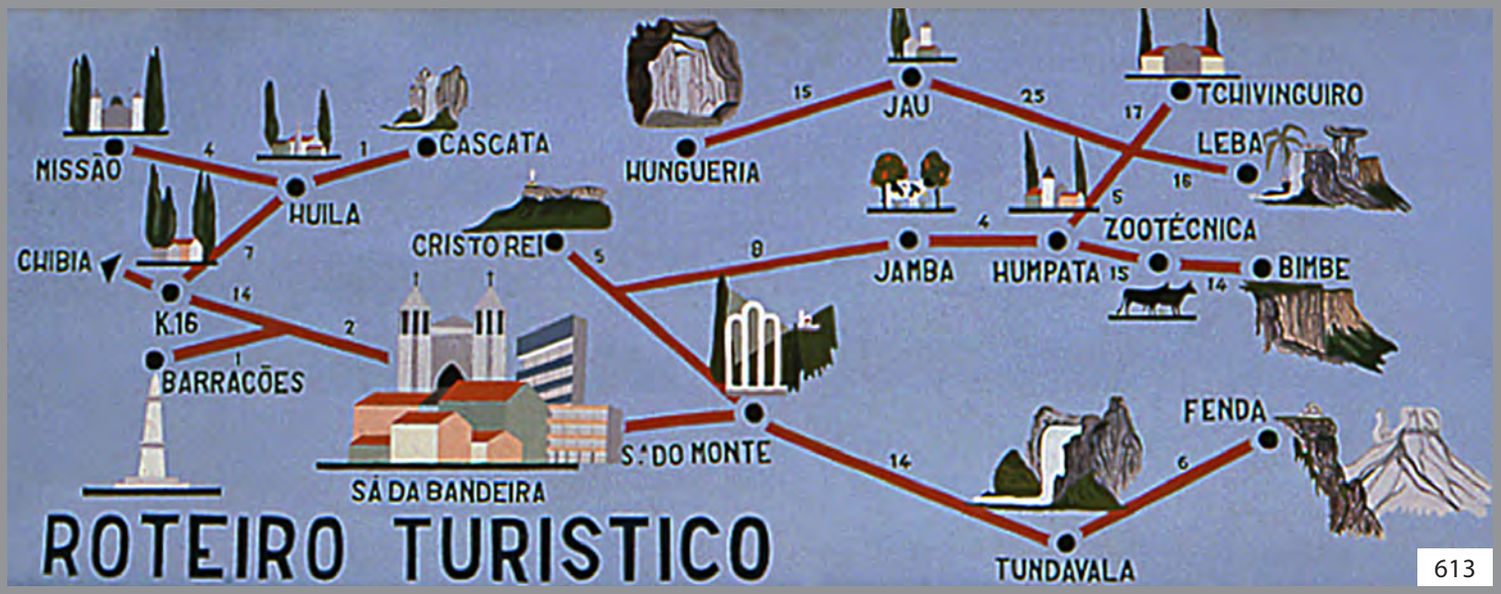
610



611

609 a 610 - Esculturas das portas da Igreja.

612 - A mesma Igreja e um grupo de estudantes à saída das aulas.



613 - Roteiro Turistico da Huíla.

CINE-TEATR

614 - O maravilhoso e moderno Cine-Teatro «Arco-Iris».

615

615 a 618 - Iluminações Natalícias na Cidade.

616

617

618

619

620

621

220 a 645 - Uma série de fotos sobre o comércio da Cidade desde:
Bancos, Restaurantes , Hotéis, Bares, Livrarias, Lojas de Moda, etc. etc..

622

623

624

625

626

627

628

629

630

ENICAR
CERTINA

631

Pelikan
entre dez crianças
ororam os nossos livros
DIAGNÓSTICO DE UMA NAÇÃO
PORTUGAL 73/74
É TEMPO DE LER
STAEDTLER
a outra ainda não falava
Kodak
DEPUTADO

632

633

634

635

636

637

PRODUTO em Promoção
PRODUTO em Promocão
Honey KRUNCHEES
SOPAS PREPARADAS

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

646 a 658 - Pouco antes do 25 de Abril visita do Governador Geral Santos e Castro a Sá da Bandeira.

649

650

Recepção no Aerodromo das identidades locais, dos estudantes da universidade,
da população, de grupos gentílicos e dos seus sobas, sem faltar o desfile militar e os discursos.

651

652

653

654

655

656

657

658

PEREIRA D'EÇA

O padre José Maria Antunes em 7 de Dezembro de 1881 instala a Missão de N'diva depois de problemas na escolha dos terrenos por estes estarem quase todos ocupados pelos bóeres.

Em Setembro de 1900 um destacamento alemão viera a N'diva contactar o Rei Cuanhama, Weyulu, mas o padre Leconte instalara-se já na Missão o que fora apreciado por aquele rei e os alemães não tiveram sucesso, porém já se notavam sinais de uma eminente evasão daquela zona sul e igualmente no leste. O coronel Harding percorrera já essa área tentando fraccionar as disposições que limitavam a escravatura.

Filipe de Carvalho e Teixeira Azevedo nesse mesmo ano chegaram a acordo do soba do Cuanhama. Este recebeu uma bandeira portuguesa mas sob a influência de missionários alemães acabou por a rasgar.

O Governador-geral e Chefe do Estado-Maior, Pereira D'Eça, com uma poderosa força militar de 6.000 europeus, formada pelo 3.º Batalhão de Infantaria n.º 17, um Batalhão da Marinha e ainda 4.500 auxiliares africanos avançaram em 7 de Abril de 1915 para o Cuanhama, atacaram o soba Mandume em N'giva que opôs resistência mas acabou por fugir depois de ter posto fogo à sua embala e à Missão Protestante.

Assim, foi conquistada N'giva e, finalmente, os portugueses puderam hastear a sua bandeira na capital do Cuanhama.

Em Setembro de 1927, N'giva (On D'giva), passa a designar Vila Pereira d'Eça. Os Ovambo que se haviam refugiado regressam ao seu antigo território e trazendo com eles muitas cabeças de gado. Pereira d'Eça é a capital da Província do Cunene, sendo a que fica mais ao sul de Angola. O seu clima á seco e o seu solo arenoso.

Na Educação: havia Escola Primária, Escola Oficina, e Escola Elementar e Profissional de Artes e Ofícios "Dr. José Pinheiro da Silva".

Edifícios públicos: Administração, correios, quartel, aeródromo.

Na Agricultura: Milho, massango, massambala, feijão.

Na Pecuária, principalmente o gado bovino.

Os principais minérios da região: Ferro e cobre.

659-660 - Pereira d'Eça, numa rua principal a Igreja e um belo edifício.

SERPA PINTO

Ao mencionar Serpa Pinto não podemos deixar de referenciar a ilustre figura do explorador/cientista, patrono dessa cidade, relembrando alguns factos da sua arriscada vida:

1878 – 1 de Janeiro – Os exploradores Serpa Pinto, Brito Capelo e Roberto Ivens, partem de Quilengues, com destino ao Bié.

Ali chegados separaram-se, tendo destinos diferentes.

Depois, Serpa Pinto parte de Caconda atravessando o rio Cué. Tendo adoecido permanece alguns dias em terras do soba Capoco e ficando ao cuidado do Dr. Anchieta. Prossegue para o Bié ao encontro de Capelo e a caminho do Zambeze.

Março/Abril, tendo adoecido novamente, fica retido e instalado na Embala de Silva Porto. Continuado a sua viagem encontra-se, em Cabir com Tibério José Coimbra, filho do major Coimbra, recebendo depois o apoio do célebre guia Chacahanga e do …"negro branco". José António Alves (que… "usa calça e sapatos de liga e guarda-sol"…).

Agosto – Após muitas peripécias, Serpa Pinto alcançou a planície de Nhengo e ao rio Ninda, já nas proximidades do Zambeze (…"o grande Liambai"…), onde se encontra com "Caiumbuca", o melhor pombeiro de Silva Porto, prosseguindo com a bandeira da "Expedição" bem à vista! As febres não o largam, mas avança… Em Novembro chegam finalmente à grande e famosa catarata de Mozi-Ao-Tunia ("Mozioatumba"), que significa "água grande"... com mais de cem metros de altura, depois baptizada de "Vitória".

Serpa Pinto, adoentado, não resistiu à tentação de a ver mais de perto, arriscando uma descida suspenso por cordas que os seus companheiros manobraram!..

1900 – A "corrida da borracha" atingira o auge com muitas caravanas de Benguela e Catumbela percorrendo o interior por intermédio dos Bienos. O Menongue, situando-se na "rota da borracha", estava sempre sujeita aos ataques e assaltos dos Cuanhamas.

1902 – Agosto – Ataques a Menongue tendo sido assaltadas e incendiadas diversas casas comerciais.

1912 – Junho – Os padres Espiritanos foram atacados pelos Quiocos e Cuanhamas e abandonam a sua Missão de Massaca, refugiando-se nos Fortes de "Princesa Amélia" e do "Menongue".

1954 – Os estudos da linha férrea de Moçâmedes alcançam Serpa Pinto.

1960 – O Caminho de Ferro de Moçâmedes chega a Menongue (Serpa Pinto), a 450 kms!. Ali foi instalada uma Intendência Administrativa.

Produções: Diamantes e outros minérios; massango; massambala; milho; mandioca; feijão horticultura.

661-662 - Painéis de azulejos comemorando a travessia de África por Serpa Pinto.

AAE-78-16

663 - Palácio do Governo da Província e um grupinho de jovens estudantes.

664 - Banco de Angola.

665 - Linda série de residências na rua principale de Serpa Pinto.

666 - Igreja Matriz e um grupo de crianças.

667 - Vista parcial do jardim com o seu coreto.

668 - Welwitschia Mirabilis.

668

MOÇÂMEDES

Diogo Câo, na segunda expedição a Angola e durante o reinado de D. João Ii, aportou numa baía a que os nativos chamavam Bitoto Mussulo e os ingleses Litle Fish Bay. Já era mencionada nas cartas da época como Angra do Negro.

Nos séculos XVI, depois da descoberta do BRASL com as suas riquezas, teve começo a escravatura dos negros de Angola, levados para aquela colónia. De Angra do Negro saíam navios portugueses e estrangeiros carregados com negros angolanos que haviam sido feitos prisioneiros nas guerras travadas entre as tribos gentílicas ("kuata-kuata").

Esse enorme tráfico teve como consequência que só em 1785 se fizesse uma exploração marítima de reconhecimento da costa e outra por terra para o interior. Comandada pelo tenente-coronel Pinheiro Furtado, a expedição marítima ao chegar a Angra do Negro, dá-lhe o nome de Mossamedes, homenageando o ilustre barão.

A essa baía ia desaguar um rio com água doce (rio Bero o "Rio dos Mortos"). Ali encontraram pastores nómadas armados de arcos (zagaias) e flechas para sua defesa e caça.

Em 1840 fizeram-se novas expedições, avassalaram-se os sobas da região e começo a construir-se um Forte na localidade que se denominou "Presídio e Estabelecimento de Mossâmedes". Portugal ocupava militarmente a zona litoral a sul de Benguela e se estendia até à fronteira leste do Bié. Deram ao forte o nome de "S. Fernando" mas só em 1844 foi concluído e para ali foi enviada uma Companhia (a Companhia de Mossâmedes"). Em Setembro de 1845 foram enviados 40 degredados para fazerem parte dela.

No Brasil, desde 1817, principalmente em Pernambuco, guerreavam-se o partido conservador e o liberal. Em Junho de 1845 foi nomeado António Pinto Chichorro da Gama governador da Província de Pernambuco que criou um imenso ambiente de terror! Também contra os portugueses ali residentes surgiu grande ódio e, em 8 e 10 de Dezembro de 1847, durante a noite, foram espancados, torturados e até mortos quantos portugueses encontraram, saquearam casas e igrejas. Esse ódio avolumou-se de tal forma que na Assembleia Provincial se pediu que fossem expulsos todos os portugueses e se ordenasse a posse de todos os estabelecimentos comerciais que ali possuíssem.

Foi então que um grupo de 146 portugueses, sob a responsabilidade de Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, abandonou Pernambuco, viajando 123 na Barca brasileira "Tentativa Feliz" e 23 no brigue de guerra nacional "Douro", em demanda de terras do sul de Angola".

Durante a viagem declarou-se uma epidemia de varíola que matou 3 adultos e 5 crianças.

A "Tentativa Feliz" chegou a Mossâmedes a 4 de Agosto de 1849. Foi a este primeiro grupo de portugueses que lá se foram instalar formando uma Colónia Agrícola sob a chefia de Bernardino Abreu e Castro, que apelidaram de "1ª Colónia".

Em 13 de Outubro de 1850 mais um grupo de 125 (145?) portugueses residentes em Pernambuco, embarcaram no brigue "Douro" e na barca "Bragarense", chefiados por José Joaquim da Costa e aportaram no local onde os outros já se encontravam, em 26 de Novembro ("2.ª Colónia").

Mais tarde (1859) vieram da Madeira, a bordo do vapor "Índia" e chefiados por D. José Augusto da Câmara Leme, mais 220 indivíduos.

Os primeiros anos de permanência li foram dificílimos para estes colonos habitando em barracas de "pau-a-pique", cobertas a "mateba", com más colheitas, porém com o tempo, foram estudando os solos, melhorando os processos de cultura, introduzindo novos instrumentos agrários e, a pouco e pouco, começaram a poder exportar o que cultivavam. Dedicaram-se igualmente à pesca, à colheita de uma planta da região (um líquen tinturial, a urzela, ao fabrico de cal e prosperaram.

Na década de 1840 iniciara-se a construção duma igreja dedicada a Santo Adrião" que só em 1859 foi completamente concluída, mas, desde 18 de Janeiro de 1857, fora nomeado para a Paróquia de Moçamedes, o sacerdote, Oliveira e Moura. Em 1855 a povoação fora elevada a vila. Os barracões erguidos ao acaso foram substituídos por casas com quintais, ordenadas em três ruas com três transversais a cruzá-las. O Forte D. Fernando foi reconstruído com melhores materiais e um Hospital foi levantado e também denominado de S. Fernando. Em 1858, foi construído um edifício grandioso, o Palácio do Governo, que foi destruído num incêndio mas reconstruído no tempo do Governador Norton de Matos.

1863 – Janeiro – Chega a Moçâmedes o caíque "Flor de Maio" com Bernardino Nascimento ("Brancanes"), Pedro José dos Reis, Francisco Ferreira Nunes, Manuel Ramos de Jesus Peleira… No Ensino existiam: Escolas Primárias, Escola Industrial e Comercial "Infante D. Henrique", Escola de Pesca, Escola Preparatória "Barão de Moçâmedes", Liceu "Américo Tomás", Escola Prática de Comércio.

Alguns dos principais edifícios públicos então existentes: Bancos, Câmara Municipal, Cine Moçâmedes, Escola de Pesca, Escola Comercial e Industrial, Grémio dos Industriais de Pesca, Palácio do Governo, Serviços de Fazenda, Tribunal. O subsolo da região, é rico em jazidas minerais, cobre, nitrato de potássio, gesso, calcopirite e outros. O clima é considerado como sendo o melhor da costa litoral de Angola. A região tem vasta área ocupada pelo extenso deserto de Namibe. Apesar disso, tem muitos cursos de água, sendo o rio Bero o que desagua junto de Moçamedes.

Apresenta belas fazendas agrícolas onde cultivam muitas frutas e hortaliças, algumas com mais do que uma produção anual. Dedicavam-se ainda à criação de gado, sendo de destacar a dos carneiros "Caraculo". A fauna da região compreende: avestruzes, raposas, hienas, gungas, impalas, olongos e as famosas "cabras de leque", girafas, zebras, leões, elefantes, rinocerontes, chitas e outros pequenos animais. Na flora desta zona salientam-se: os grandes embondeiros, diversos e variados cactos, a caçoneira (látex), a celebérrima e rara "welwitschia mirabilis", o espinheiro negro de Angola.

É um grande centro de pesca, cujos produtos: farinha e óleo de peixe, peixe seco e salgado, enlatados são comercializados e exportados. Também se faz a exportação de sal e dos seus famosos mármores. Para isso, em 1957, foi inaugurado o seu novo porto, constando de um porto comercial que se destinou à carga e descarga de mercadorias e passageiros e um porto mineiro. Em 1974 é considerado o terceiro melhor porto de Angola.

O Caminho de Ferro passou a ligar Moçamedes até Serpa Pinto. Existe um aeródromo com carreiras regulares e boas estradas para: Porto Alexandre e Baía dos Tigres, Sá da Bandeira, e via Huambo ou Benguela para Luanda.

No desporto surgiram vários clubes, sendo os principais: Sport Moçamedes e Benfica", Sport Lisboa e Moçamedes (1936), Sporting Clube, Atlético Clube, Mocidade Portuguesa, Ginásio Clube da Torre do Tombo, onde se praticava: futebol, basquete (masculino e feminino), voleibol, óquei em patins, remo, vela e Natação. Alguns deles com grande projecção nacional.

Nessa extensa zona existem bonitas e concorridas praias, sendo as mais conhecidas: Amélia, Baba, Chapéu Armado, Lucira, Moculo, Baía das Pipas, S. Nicolau, Praia do Cézar, etc., etc..

669 - Vista geral da Cidade de Moçamedes e da Baía (para mim a cidade mais gostosa de Angola, talvez por estar perto do deserto e do parque do Iona).

669

670

670 a 673 - A saída das aulas do Colégio Nossa Senhora de Fátima não faltando os vendedores de gelados e bolos.

671

672

673

674 - Palácio da Justiça e Jardim Público.

675

675 a 678 - Interior de uma vivenda privada de um grande caçador guia, um verdadeiro museu.

676

677

678

679 - Fonte num jardim público e em segundo plano um bonito prédio.

AS MARAVILHOSAS PRAIS DE MOÇAMEDES

680- Um camelo saboreando umas folhas extras oferecidas
pela Christine no pequeno zoo da cidade.

681 a 689 - As maravilhosas praias de Moçamedes! só aqueles que lá viveram
é que podem apreciar toda a magia e beleza daquela região, tantas saudades!

682

683

684

685

686

687

688

689

690 - O sol, o mar e os lindos "borrachinhos".

691 - Vista geral do porto de Moçamedes.

692 a 695 - Padrão e Monumento do Cabo Negro.

694

695

PORTO ALEXANDRE

Diogo Cão chamou-a de Angra das Aldeias por já ali ter encontrado instaladas duas grandes aldeias nativas cujos habitantes eram pescadores. Na língua dos indígenas denominava-se Bitolo Coroco e os ingleses conheciam-na por Port Alexander, honrando o nome do explorador James Eduard Alexander que percorrera a região em 1634.

Porto Alexandre fica a 100 quilómetros a sul de Moçamedes em pleno deserto do Namibe. Os primeiros pescadores algarvios saídos de Olhão e chefiados por Cruz Rolão, chegaram a Porto Alexandre no veleiro "Flor De Maio" de que era proprietário Bernardino do Nascimento em 1860, começando a erguer suas casas para ali morarem.

Com a morte de Cruz Rolão elegeram a sua viúva, Maria da Cruz Rolão, como Regedora.

Em 1894 um navio de guerra inglês amarara na baía sem que tivesse tido permissão para o fazer e dera uns tiros para terra! Aquela destemida senhora avançou com a bandeira portuguesa desfraldada e impôs a sua retirada imediata, no que foi então obedecida!

Logo no ano seguinte com a ida de mais famílias olhanenses a povoação aumentara consideravelmente pelo que foi criado o concelho de Porto Alexandre.

Em Dezembro de 1904 o cruzador "Rainha D. Amélia" fundeou na baía em virtude da presença dum navio inglês, surgindo depois mais alguns, num total de vinte, incluindo um "navio-hospital"! Era uma autêntica ameaça! O Comandante português, Silva Nogueira, entrou em negociações com o "inimigo", conseguindo a sua retirada.

O Governador Norton de Matos, preocupando-se com o povoamento, mandou que ali se construísse um Bairro habitacional. Também se construiu a Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário. A povoação erguida entre o mar e as areias do deserto, foi protegida por uma vasta cortina de arvoredo (casuarinas) o que se deveu aos Serviços Florestais de Angola, começando a plantarem-se as árvores na década de 30 e, mais tarde, para a sua manutenção teve a cuidada atenção do seu encarregado, Sr. Ramos.

A falta de água na Vila foi suprida com a sua captação na foz do rio Curoca.

A 19 de Maio de 1961, Porto Alexandre foi elevado a cidade.

Nos últimos anos crescera bastante com a construção de novas e modernas vivendas.

A baía, com forma de saco, está protegida por uma restinga. Nesta baía existia o maior centro de pesca do distrito de Moçâmedes, tendo mesmo sido considerado um dos maiores da África Ocidental! Encontravam-se ali instaladas e muito bem equipadas, algumas

pescarias. Nelas se fabricavam a farinha e o óleo de peixe e se procedia à sua salga e secagem. Havia ainda outras que se dedicavam à indústrias conserveira do pescado, visto haver grande quantidade e variedade de espécies piscícolas. Esses produtos eram até exportados directamente para Hamburgo. Também existiam salinas naquela região.

Defronte da baía, na restinga, criavam-se moluscos, bivalves, em grandes quantidades, existindo muita variedade de pescado.

No Ensino: havia escolas primárias, Colégio e a Escola Preparatória "Bartolomeu Dias". Praticavam-se alguns desportos, principalmente: futebol, no qual se distinguiu o "Independente Sport Clube" que foi tri-campeão de Angola nos anos de 1969/71, o voleibol, ténis, basquetebol.

Foram construídas boas estradas que a ligam à Baía dos Tigres, a Virei, Iona, Foz do Cunene e Moçamedes.

Um Parque Infantil, um campo de jogos, o cinema, a sede do clube e o jardim, faziam parte dos sítios onde a população podia passar uns momentos de distracção. A aridez do deserto era quebrada pelo verde das casuarinas e pelo fresco e bem cuidado horto com suas belas estufas, onde alguns animais podiam ser apreciados.

Na baía habitava uma colónia de flamingos, chegando a aparecer pinguins e pelicanos.

696 - Porto Alexandre, entre o deserto e o mar, uma vista geral da pequena cidade com a sua mancha de casuarinas, barreira contra a areia do deserto.

697-698 - Alguns edifícios públicos modernos e um grupo de jovens estudantes.

699

699 - Em terras de pescas e de pescarias lembrando os pescadores.

700

700 - Estátua homenageando Maria da Cruz Rolão.

701

701 - Uma outra rua da Cidade com vivendas privadas.

702-703 - Dos belíssimos e frescos recantos da sua maravilhosa estufa, um paraíso no deserto.

704-705 - O Sol também se deita.

706-707 - Baía dos Tigres e as suas pescarias, não faltando a pequena Igreja.

708 - Farol da Ponta Albina.

709 - Um aglomerado de algumas habitações na Foz du Cunene e aqui ACABA ANGOLA.

710 - Ana Maria.

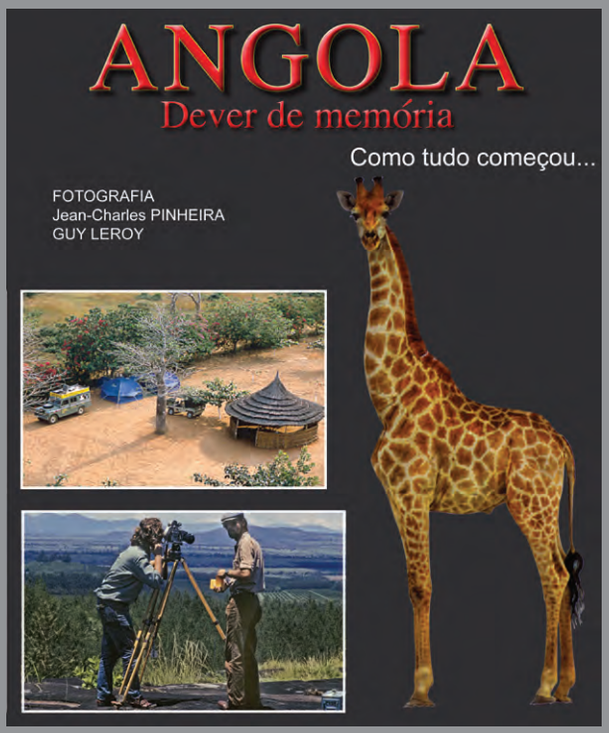
710

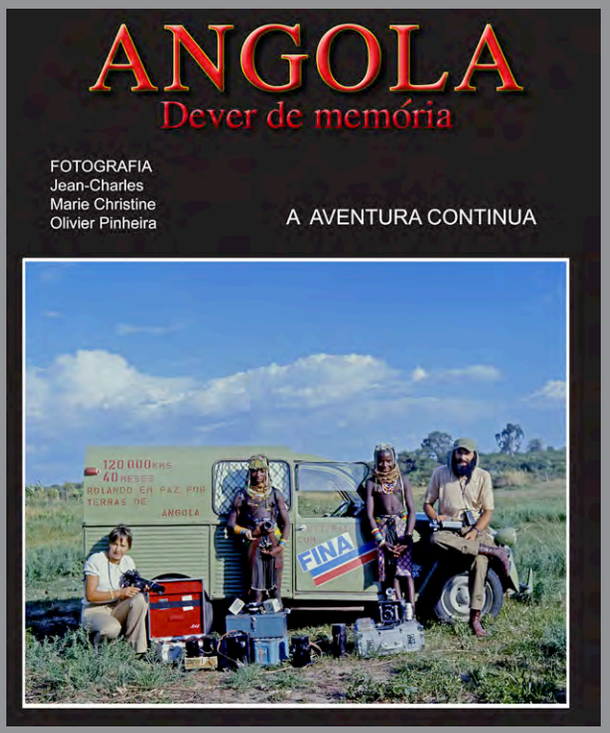
GROELÂNDIA
JOÃO MARTINS 1501
AMERICA DO NORTE
PEDRO FERNANDES QUEIROZ 1606
AMERICA DO SUL
PEDRO FERNANDES DE QUEIROZ
FERNÃO DE MAGALHÃES 1520
PEDRO ALVARES CABRAL

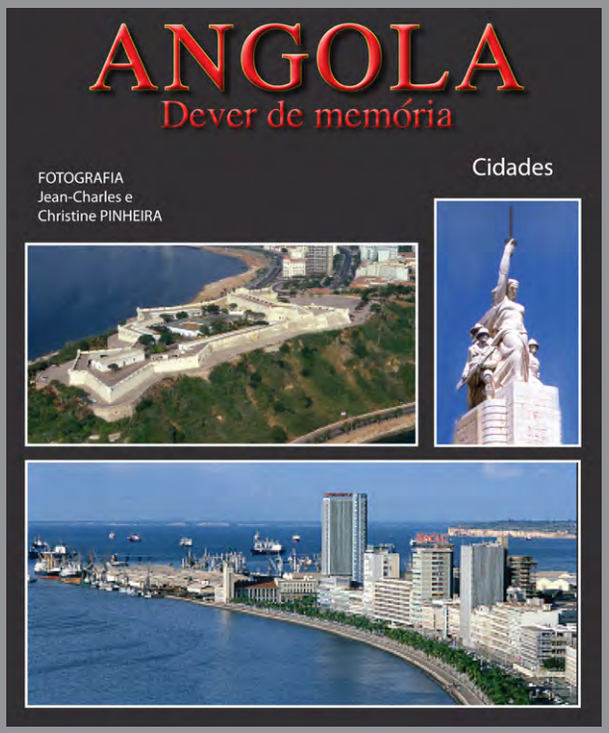
711 - Mapa Mundo, assinala todos os pontos onde os portugueses chegaram.

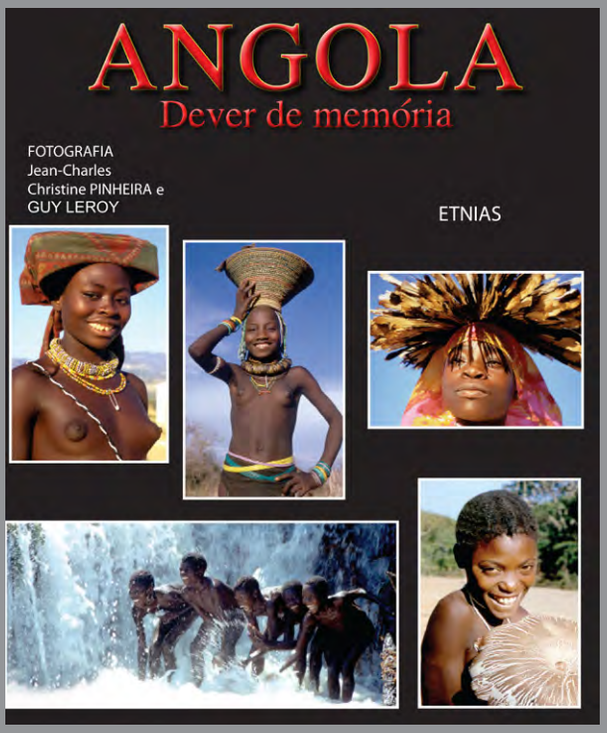
MAPA
DE
ANGOLA
Coordenação por J. R. SILVA
REPÚBLICA DO
CONGO
(CAP. BRAZZAVILLE)
REPÚBLICA DO ZAIRE
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO
CONGO
(CAP. KINSHASA)
ÁFRIC
OCEANO ATLÂNTICO
ZÂMB
SUDOESTE AFRICANO
ZAIRE
UÍGE
CUANZA NORTE
LUANDA
CUANZA SUL
BENGUELA
HUAMBO
BIÉ
MOXICO
LUNDA
MOÇAMEDES
HUÍLA
CUNENE
CUANDO CUBANGO
CABINDA
Rio Zaire ou Congo
Rio Cuanza
Rio Cunene
Rio Cuando
Rio Cubango
Rio Luena
Rio Zambeze
Rio Kwango
Rio Kasai
Rio Luando
Rio Luachimo
Rio Luembe
Rio Cuilo
Rio Luangue
Rio Chicapa
Rio Luxico
Rio Lungue
Rio Luanginga
Rio Cuchi
Rio Cuebe
Rio Cuvelai
Rio Cunene
Rio Caculovar
Rio Coroca
Rio Chitando
Rio Cutir
Rio Bugo
Rio Luiana
Rio Luamba
Rio Gunde
Rio Quembo
Rio Canavale
Rio Cubango
Rio Cuebango
Rio Cuangar
Rio Nengo
Rio Bungo
Rio Luquire
Rio Zambeze
Rio Cuando
Rio Luiana
Rio Cuanza
Rio Longa
Rio Bengo
Rio Dande
Rio Loge
Rio Quiçama
Rio Cuvo
Rio Catumbela
Rio Cubal
Rio Cutato
Rio Luando
Rio Cuanza
Rio Cuchi
Rio Cuilo
Rio Luangue
Rio Chicapa
Rio Luachimo
Rio Luembe
Rio Luena
Rio Lungue
Rio Luanginga
Rio Cuando
Rio Cubango
Rio Luiana

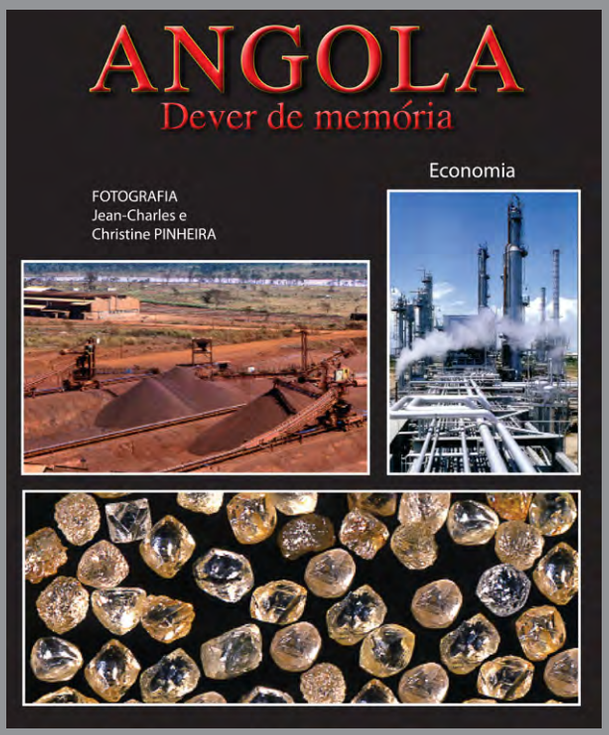
CAPAS DOS FUTUROS LIVROS

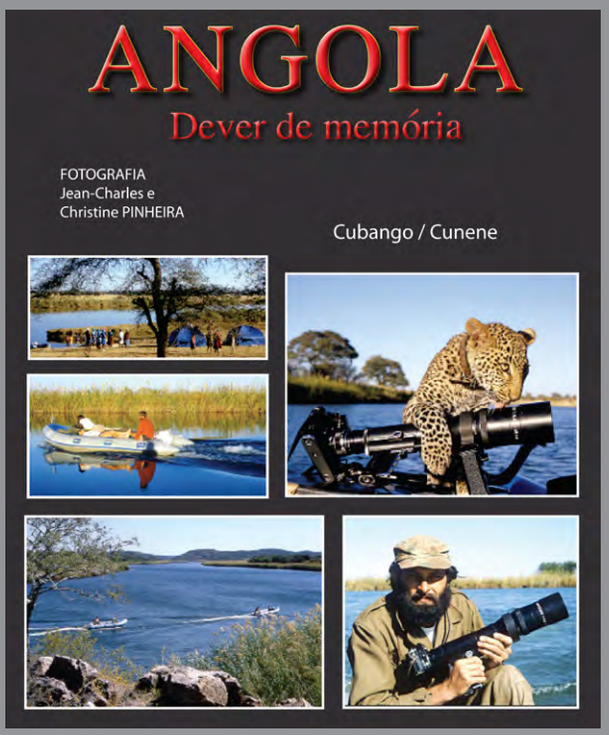


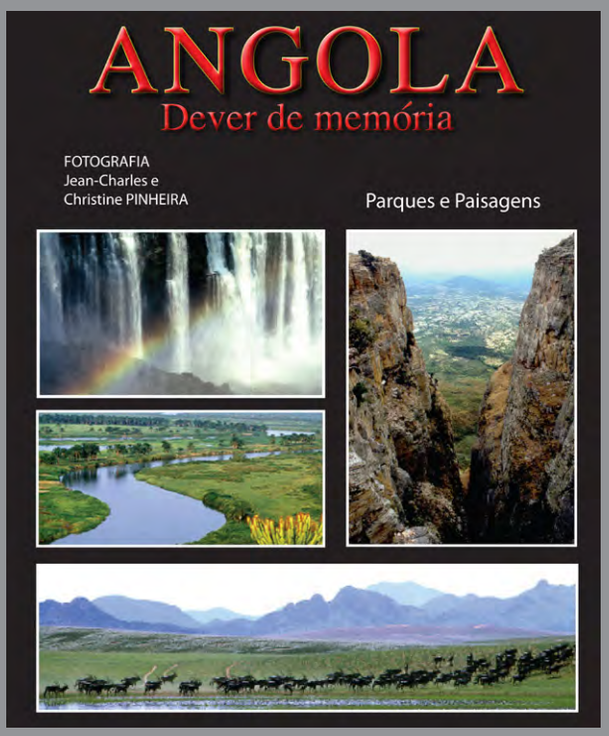


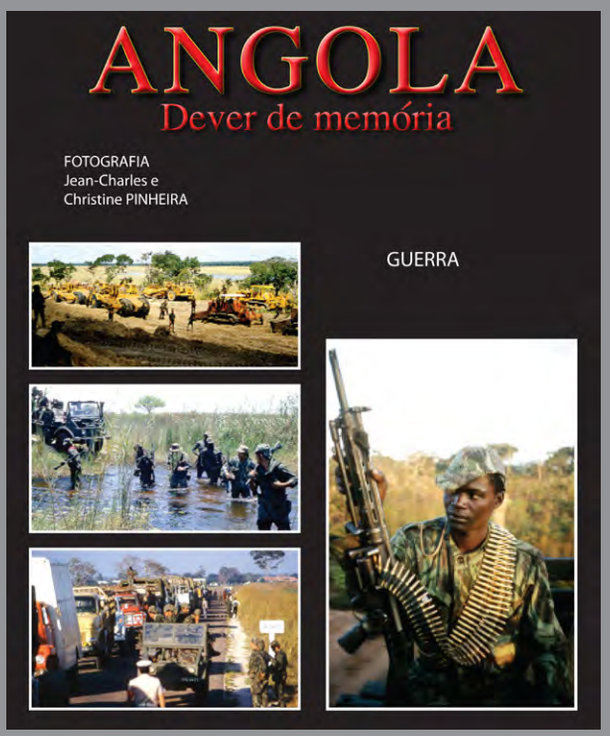





ANGOLA
Dever de memória
Economia
FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA


ANGOLA
Dever de memória
FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA
Cubango / Cunene


ANGOLA
Dever de memória
FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA
Parques e Paisagens


ANGOLA
Dever de memória
FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA
GUERRA

ANGOLA

AS NOSSAS AVENTURAS

Edição
Editora Palancanegra

Direcção
J. C. Pinheira
00332 47574615
jean.pinheira@gmail.com

Assessoria
Christine Pinheira

Textos
M. Raquele S. Serrano
Roberto S. Correia

Fotografia
Christine Pinheira
Jean Charles Pinheira
Guy Leroy

Colaboradores
Antunes,
Henrique Largo
Antunes,
Lourdes Centeno,
Júlio Centeno,
Manuela Fernandes,
Ilda Teixeira,
Cidália

Apoio Informático e Técnico
Abreu,
André Antunes,
Jorge Correia,
Ana Cristina S. Correia,
Paula Marina S. Correia,
A. Pedro S.

Maio, 2015

JC&MC PINHEIRA
REPORTERS PHOTOGRAPHES
EDITORA PALANCANEGRA

Proclamai sempre bem alto por forma que todo o Mundo vos ouça, que nunca consentireis que os Territórios de Além-mar, onde há cinco séculos trabalhamos e sofremos, sejam considerados terra de ninguém, onde outros Povos se possam estabelecer livremente, ou onde se queiram fazer ensaios utopicos de quaisquer Internacionalizações.

NORTON DE MATOS